

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**AMANDA MONTEIRO**

**PROTAGONISMO FEMININO E ENSINO DE HISTÓRIA:**  
**O CASO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA**  
**(GETÚLIO VARGAS/RS - 2024)**

**ERECHIM**  
**2024**

**AMANDA MONTEIRO**

**PROTAGONISMO FEMININO E ENSINO DE HISTÓRIA:  
O CASO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA  
(GETÚLIO VARGAS/RS - 2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim/RS, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniela Paiva Yabeta de Moraes

**ERECHIM**

**2024**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Monteiro, Amanda

Protagonismo feminino e ensino de História:: o caso da Independência do Brasil no livro didático (Getúlio Vargas/RS - 2024) / Amanda Monteiro. -- 2024.  
78 f.:il.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Paiva Yabeta de Moraes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim, RS, 2024.

1. Independência do Brasil. 2. Mulheres. 3. Ensino de História. I. Moraes, Daniela Paiva Yabeta de, orient.  
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**AMANDA MONTEIRO**

**PROTAGONISMO FEMININO E ENSINO DE HISTÓRIA:  
O CASO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO LIVRO DIDÁTICO  
(GETÚLIO VARGAS/RS – 2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, como requisito para obtenção do título Licenciada em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 09/07/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Paiva Yabeta de Moraes – UFFS  
Orientadora



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Rippe de Mello Klein – UFFS  
Avaliador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lívia Nascimento Monteiro – UNIFAL/MG  
Avaliador

Dedico este trabalho à estrela mais brilhante do céu, minha mãe, e à minha família que sempre me apoiou e não poupou esforços para que eu pudesse concluir meus estudos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me iluminado e ter estado comigo sempre. Não foi fácil, tive que abrir mão de muitas coisas, revendo prioridades, para conseguir chegar até aqui. Entreguei a Deus os meus momentos ruins, e agora venho entregar a Ele a minha felicidade.

Agradeço profundamente à toda a minha família, em especial minha avó Ivanilda, que me criou com todo o amor do mundo quando minha mãezinha não estava mais aqui, e sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida, e minha tia Suzana, que sempre me apoiou e me incentivou. Obrigada também ao meu avô Darci, que sempre me ajudou a pagar o transporte para que eu pudesse ir para a UFFS e voltar para casa toda noite, até que eu conseguisse um emprego. A minha família é a coisa mais importante da minha vida, é o meu alicerce, e é a quem dedico o meu trabalho: minha mãe, Simone, que é meu anjo da guarda, e à toda a minha família.

Meu agradecimento vai também aos amigos que a UFFS me deu. Nada disso teria graça sem eles, que fizeram essa caminhada ser mais divertida e leve. Obrigada pela amizade, carinho, risadas, trabalhos e ajuda em tudo o que eu precisava, dentro e fora da universidade.

Muito obrigada à Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Manoel da Nóbrega, à professora Patrícia Mokfa, e aos alunos do 6º e 7º anos que me receberam nos estágios I e II, e ao Colégio Estadual Antônio Scussel, à professora Adriana Bottin, e as turmas do 1º ano, que fizeram parte do meu estágio III e IV, juntamente com os professores Halferd Carlos Ribeiro Junior e Renan Santos Mattos que supervisionaram os estágios.

Por fim, gostaria de agradecer à professora Daniela Yabeta, que tem uma energia e alegria contagiante e cativante, e que aceitou ser minha orientadora nesse trabalho. Obrigada pela ajuda, orientação, incentivo e por me acalmar em minhas ansiedades e dúvidas de que fosse conseguir. E a todos os professores do curso de História da UFFS que fizeram parte dessa caminhada de 9 semestres, em aulas online, em meio à pandemia de COVID-19, e presencialmente na universidade, minha gratidão.

Mãe, você dizia que eu ia ser professora, esse era o seu sonho para mim... eu consegui! Isso é por você! Eu te amo!

*Mulheres camufladas  
Entre os galhos e as folhas antigas  
Riscadas dos troncos das famílias  
Voltam fortes e amigas  
São olhos d'água, são suas filhas  
Tentaram e até conseguiram te apagar  
Mas sua mãe, indígena potiguar  
Vem aqui para avisar  
Que você vai nascer de novo  
Nos braços da História e do povo [...]  
(DUNCAN; COSTA, 2023).*

## RESUMO

O presente trabalho tem como título o “Protagonismo feminino e ensino de história: o caso da independência do Brasil no livro didático (Getúlio Vargas/RS – 2024)”. A partir da leitura do livro “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá” (2022) de Antônia Pellegrino e Heloisa Starling – que apresenta a trajetória de sete mulheres no processo de independência do Brasil: Hipólita Jacinta Teixeira de Melo; Bárbara de Alencar; Urânia Vanério; Maria Felipa de Oliveira; Maria Quitéria de Jesus; Maria Leopoldina e Ana Lins – passei a questionar sobre o que os alunos das escolas em que eu estagiava aprendiam sobre essas mulheres. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é problematizar a falta de representatividade feminina no livro didático de História da coleção “História, Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos, mais precisamente nos capítulos 8 “A chegada da família real” e 9 “O reinado de D. Pedro I: uma cidadania limitada”, que tratam do processo de independência do Brasil. O livro em questão é utilizado pelas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Antônio Scussel, localizado na cidade de Getúlio Vargas (RS), local onde realizei um dos meus estágios durante o curso de Licenciatura em História. Diante da falta de referência a mulheres no processo de emancipação política do Brasil, apresento uma proposta de plano de ensino que incluiu a participação feminina e pode ser trabalhado em diálogo com o livro em questão. Minha principal motivação na realização dessa pesquisa foi levar aos alunos e alunas as mulheres como sujeitos históricos atuantes, debater sobre História Pública e Ensino de História.

Palavras-chave: Independência do Brasil; Mulheres; Ensino de História.

## ABSTRACT

The title of this work is “Female protagonism and teaching history: the case of Brazilian independence in the textbook (Getúlio Vargas/RS – 2024)”. From reading the book “Brazilian Independence: the women who were there” (2022) by Antônia Pellegrino and Heloisa Starling – which presents the trajectory of seven women in Brazil’s independence process: Hipólita Jacinta Teixeira de Melo; Bárbara de Alencar; Urânia Vanério; Maria Felipa de Oliveira; Maria Quitéria de Jesus; Maria Leopoldina and Ana Lins – I started to question what the students at the schools where I was an intern learned about these women. Therefore, the objective of this research is to problematize the lack of female representation in the History textbook in the collection “History, Society and Citizenship” by Alfredo Boulos, more precisely in chapters 8 “The arrival of the royal family” and 9 “The reign of D. Pedro I: a limited citizenship”, which deal with Brazil’s independence process. The book in question is used by the 8th year elementary school classes at Colégio Estadual Antônio Scussel, located in the city of Getúlio Vargas (RS), where I carried out one of my internships during the History Degree course. Given the lack of reference to women in the process of political emancipation in Brazil, I present a proposal for a teaching plan that included female participation and can be worked on in dialogue with the book in question. My main motivation in carrying out this research was to bring women as active historical subjects to students, to discuss Public History and History Teaching.

Keywords: Independence of Brazil; Women; History teaching.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 01 – Hipólita Jacinta Teixeira de Melo	20
Figura 02 – Bárbara Alencar	22
Figura 03 - Panfleto “Lamentos de uma baiana”	23
Figura 04 – Urânia Vanério	25
Figura 05 - Monumento na Praça Cairu (atual Praça Maria Felipa)	27
Figura 06 - Monumento Maria Felipa	27
Figura 07 - Escola Afro-brasileira Maria Felipa – Salvador (BA)	27
Figura 08 - Maria Quitéria de Jesus Medeiros	30
Figura 09 – Maria Leopoldina	33
Figura 10 – Ana Maria José Lins	35
Figura 11 - Museu Paulista da USP	39
Figura 12 - “Independência ou Morte” – Pedro Américo (1888)	39
Figura 13 - Dona Maria I	41
Figura 14 – Maria Graham, Lady Callcott	41
Figura 15: Gravura de Jean-Baptiste Debret: “Aclamação de Dom Pedro I” (1839)	43
Figura 16: Reconhecimento do Império do Brasil, León Tirode – 1823	44
Figura 17 – Princesa Maria da Glória	47

**LISTA DE ABREVIATURAS**

BA	Bahia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEAS	Colégio Estadual Antônio Scussel
fHist	Festival de História
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LEHMT	Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
RCG	Referencial Curricular Gaúcho
RS	Rio Grande do Sul
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>CAPÍTULO 01 – AS MULHERES QUE ESTAVAM LÁ</b>	17
1.1 – Hipólita Jacinta Teixeira de Melo	18
1.2 – Bárbara de Alencar	20
1.3 – Urânia Vanério	22
1.4 – Maria Felipa de Oliveira	25
1.5 – Maria Quitéria de Jesus	27
1.6 – Maria Leopoldina	30
1.7 – Ana Maria José Lins	33
<b>CAPÍTULO 02 – AS MULHERES QUE ESTAVAM LÁ ESTÃO NA ESCOLA? UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA</b>	36
<b>CAPÍTULO 03 – DESCORTINANDO AS MULHERES DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA</b>	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	58
<b>FONTES</b>	62
<b>ANEXO A – PLANO DE AULA</b>	68

## INTRODUÇÃO

*“Que a palavra de uma mulher sempre salve outras mulheres das sombras”*

*(Acioli 2022, 193)*

Durante muito tempo a atuação feminina na história sofreu diferentes formas de tentativas de silenciamento e apagamento histórico. Na historiografia, especialmente durante o século XIX, a figura masculina foi colocada como sujeito central da história, enquanto a mulher era privada do acesso à vida pública.

A vedação ao acesso da mulher ao mundo público foi de tal forma enraizada na nossa sociedade que se mantém no centro da desigualdade de gênero até hoje. [...] a mulher [...] era – e ainda é – alvo de uma modalidade bem definida de controle e repressão, que se valia de estratégias como a violência política de gênero, os apagamentos nos processos de construção da memória e as distorções narrativas. O objetivo desse vasto repertório tático é mantê-las fora da cena pública e dos espaços de decisão, estancando, impedindo e desencorajando um outro futuro possível. O resultado tem sido eficiente. (Starling 2022, 10)

Uma prova disso é que, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral– TSE Mulheres<sup>1</sup>, nas eleições de 2022, apenas 18% das candidatas mulheres foram eleitas, enquanto na candidatura masculina a porcentagem de homens eleitos foi de 82%. Apesar disso, sempre tivemos mulheres presentes nos espaços da política atuando de diferentes formas, mesmo que algumas não tenham a participação reconhecida nos livros didáticos de História.

O processo de Independência do Brasil foi, de acordo com o historiador João Paulo Pimenta em seu livro “Independência do Brasil” (2022), a separação política do Brasil de Portugal. Na historiografia, todo o episódio da Independência é centrado na figura do Imperador Dom Pedro I. O autor explica que a emancipação do Brasil - por vezes vista como um processo pacífico – foi na verdade marcada por disputas, conflitos políticos e guerras. Algumas destas guerras ocorridas antes mesmo do 7 de setembro de 1822. Como exemplo, podemos citar a Revolução Pernambucana (1817) e a Independência do Brasil na Bahia - que começou em 19 de fevereiro de 1822 e terminou em 02 de julho de 1823 - dia em que anualmente é comemorada a independência da Bahia, tendo se tornado um feriado estadual baiano. Durante esse processo político as mulheres estavam lá. Mulheres que, de diferentes lugares e classes sociais, atuaram de maneiras diversas para que o Brasil pudesse ser independente. No entanto, essas mulheres não tiveram sua participação reconhecida durante um longo período. Eram, muitas vezes,

<sup>1</sup> BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. TSE Mulheres. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/#estatisticas> . Acesso em: 02 dez. 2023.

apenas lembradas como as mães, irmãs, filhas, esposas, amantes de homens, esses sim, considerados importantes.

No dia 7 de setembro de 2022 o Brasil celebrou o bicentenário de sua Independência. No entanto, as comemorações começaram bem antes dessa data. Refiro-me aqui a produção de textos, livros, debates em podcasts, seminários, documentários, entre outros. Entre esses debates, destaco a coletânea “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá”, lançado em 2022 pela editora Bazar do Tempo, tendo a historiadora Heloisa Starling e a roteirista Antonia Pellegrino como organizadoras. Além do livro, elas lançaram no mesmo ano um podcast denominado “Mulheres na Independência”<sup>2</sup>, disponível gratuitamente na plataforma Globoplay. Ambas as produções nos trazem a história de mulheres que participaram ativamente desse momento crucial para o Brasil, elas são: 1) Hipólita Jacinta Teixeira de Melo - considerada a única mulher com protagonismo na Conjuração Mineira (1789); 2) Bárbara de Alencar - a precursora da Independência e da República revolucionária do Crato (1817), primeira mulher vítima de violência política de gênero no Brasil; 3) Urânia Vanério - baiana filha de pais portugueses, escreveu seus lamentos e revoltas em forma de versos inseridos em panfletos aos 10 anos de idade; 4) Maria Felipa de Oliveira - negra liberta, marisqueira, ganhadeira, capoeirista, liderou uma das lutas pela Independência do Brasil travadas na Bahia e é considerada a única das sete mulheres aqui mencionadas a ser imortalizada pela memória popular; 5) Maria Quitéria de Jesus - uma das mais conhecidas mulheres da Independência, considerada a primeira mulher a fazer parte do exército brasileiro, e lutar junto ao Batalhão dos Periquitos pela Independência do Brasil; 6) Maria Leopoldina da Áustria - imperatriz do Brasil, esposa de D. Pedro I, considerada uma das principais arquitetas da Independência; 7) Ana Maria José Lins - dama de ferro da nobreza açucareira, participou ativamente da Revolução Pernambucana (1817) e da Confederação do Equador (1824). Esta última personagem não aparece no podcast “Mulheres na Independência”, somente no livro.

Ao realizar as disciplinas de Estágio, tive mais contato com o ambiente escolar e com a profissão docente. O primeiro ato é o de observação. O segundo ato é realizar a regência na sala de aula. Para tal, é necessário fazer o uso do livro didático adotado na escola. A tarefa do estágio me parece um pouco uma forma de desligar nosso lado aluno - com o qual estamos acostumados - e ativar nosso lado docente, o qual nos preparamos durante a caminhada acadêmica. Quando

---

<sup>2</sup>Mulheres na Independência. Antônia Pellegrino; Heloísa Startling. Rio de Janeiro. Globoplay, 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/mulheres-na-independencia/2257b9a3-b56b-4583-9fe0-f98168156da4/> Acesso em 30 de outubro de 2023.

voltamos para a escola, agora como professores, as coisas parecem um pouco estranhas e diferentes. É uma grande responsabilidade. Durante os anos de 2023/2024 realizei meu estágio no Colégio Estadual Antônio Scussel (CEAS), localizado na cidade de Getúlio Vargas (RS). Nessa escola eu estava acompanhando as turmas do ensino médio, no entanto, durante conversa com a professora de história Ivone Jung - responsável pela turma do 8º ano do ensino fundamental, decidi trocar para esta etapa. Essa troca ocorreu porque a temática da Independência do Brasil, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup>, e com o Referencial Curricular Gaúcho (RCG)<sup>4</sup>, é trabalhada no 8º ano. Ao observar o livro didático eu percebi certa ausência de representatividade feminina, tanto nos textos, quanto nas imagens. Um caminho contrário ao que eu descobria durante minha formação no curso de Licenciatura em História.

Apesar da importância dos feitos realizados em prol da pátria, essas e tantas outras mulheres não tiveram o reconhecimento que mereciam, principalmente no século XIX. De acordo com a historiadora Branca Zilberleib (2022), no século XX uma historiografia feminina começa a ser construída no Brasil. Desde então, vem surgindo cada vez mais trabalhos e publicações na área. Como exemplo podemos citar o livro “História das Mulheres no Brasil”, da historiadora Mary Del Priore (2004). Mas há uma certa dificuldade dessas histórias chegarem até as escolas. Onde estão as mulheres nas aulas de História do ensino fundamental? Onde estão as mulheres nos livros didáticos de História? É necessário discutir nas salas de aula a atuação das mulheres no processo de Independência do Brasil. As meninas que estão nas escolas, nas aulas de História, precisam ter essa representação e saber que no período oitocentista – e até mesmo antes! – já havia mulheres fortes e inteligentes que questionavam seus lugares na sociedade. Mulheres que se impunham, lutavam e atuavam politicamente. Foi por esse caminho que cheguei na seguinte problemática desta pesquisa: como trabalhar uma história da Independência do Brasil a partir do protagonismo feminino nas escolas de ensino básico?

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o livro didático de História da coleção “História, Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos (2022), utilizado pelas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Antônio Scussel (CEAS) durante o ano de 2024<sup>5</sup>. Mais especificamente, os capítulos 8 “A chegada da família real” e 9 “O reinado de D.

---

<sup>3</sup> BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 27 de junho de 2024.

<sup>4</sup> RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular Gaúcho: Humanas. Porto Alegre: SEE, 2018. Disponível em: <https://h-curriculo.educacao.rs.gov.br/Sobre/Index> Acesso em: 24 de junho de 2024.

<sup>5</sup> Alfredo Boulos Júnior – “Boulos é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP-SP). Lecionou nas redes pública e

Pedro I: uma cidadania limitada”, que abordam o processo de independência do Brasil. É importante registrar que o livro em questão, escolhido pela instituição pública de ensino, foi fornecido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) vinculado ao Ministério da Educação. O PNLD é regulamentado pelos Decretos 12.021/2024 e Decreto 9.099/2017 Seu objetivo é a avaliação, aquisição e distribuição de materiais didáticos e demais matérias de apoio à prática educativa para a rede pública de ensino básico do país. O Ministério da Educação, em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), executa editais do livro para disponibilização de materiais didáticos e literários. Através da Secretaria de Educação Básica, é responsabilidade do Ministério da Educação a avaliação dos materiais e disponibilização da lista dos aprovados para comporem o Guia da escolha a ser oferecido aos professores de todo o Brasil<sup>6</sup>.

A partir do resultado desta análise, produzi um plano de ensino sobre a atuação das mulheres no processo de independência do Brasil. O material didático poderá ser utilizado com os alunos do 8º ano, não só da referida escola, em diálogo com os livros didáticos sem qualquer prejuízo para os alunos e professores (ANEXO A).

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, denominado “As mulheres que estavam lá”, apresenta as sete mulheres atuaram ativamente nas lutas pela independência do Brasil, com base no livro de Heloisa Starling e Antônia Pellegrino acima mencionado. O segundo, denominado “As mulheres que estavam lá estão na escola? Uma análise do livro didático”, apresenta uma análise dos capítulos 8 e 9 do livro didático utilizado pelo 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Antônio Scussel, em que o objetivo é verificar se essas mulheres fazem parte das figuras históricas mencionadas ao apresentar o processo de independência do Brasil. Por fim, o terceiro capítulo, denominado “Descortinando as mulheres da independência do Brasil na escola: uma proposta didática”, apresenta um plano de ensino elaborado com base no resultado da análise dos capítulos do livro didático para ser utilizado com as turmas de 8º ano, a fim de incluir as mulheres da independência na sala de aula de História (ANEXO A).

---

particular de ensino e, também, em cursos pré-vestibulares. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), do governo do Estado de São Paulo” – Disponível em: <https://boulos.ftd.com.br/#about> Acesso em 25 de junho de 2024.

<sup>6</sup> Ministério da Educação – PNLD – Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/programa-nacional-do-livro-e-do-material-didatico/programa-nacional-do-livro-e-do-material-didatico-pnld> Acesso em: 25 de junho de 2024.

## CAPÍTULO 01 – AS MULHERES QUE ESTAVAM LÁ

Tudo começou em uma aula de História do Brasil II (Império) em maio de 2023 com a professora Daniela Yabeta quando eu estava no 7º semestre do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim (RS). Durante as aulas, o processo de independência do Brasil (1822) e seu aniversário de 200 anos em 2022 foram abordados. A participação política ativa da Imperatriz Leopoldina, especialmente no decorrer do episódio da independência, também foi evidenciada durante a aula. Para ressaltar a atuação feminina nesse processo histórico, a professora nos indicou o podcast “Mulheres na independência”, que conta a participação de seis mulheres na luta pela independência do Brasil.

A imperatriz sempre foi uma personagem histórica que me chamava a atenção, mesmo tendo pouco conhecimento sobre ela. O fato de todo o episódio da Independência estar voltado para Dom Pedro e José Bonifácio, enquanto a imperatriz Leopoldina ficava ofuscada, me incomodava. A princípio, o tema do meu trabalho de conclusão de curso seria sobre a participação de Maria Leopoldina no processo de independência do Brasil. Eu já estava pesquisando algo sobre e havia encontrado o livro “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá”. Interessada no tema, comprei o livro. A partir do livro e do podcast, acabei descobrindo a existência de outras mulheres nesse processo. Então me questionei: por que, afinal de contas, não aprendi nas aulas de História, durante o ensino básico, que havia mulheres também presentes naquela luta? Partindo desse questionamento é que cheguei no tema deste trabalho: levar a história das mulheres da independência para as aulas de História no ensino básico.

O livro, organizado pela historiadora Heloisa Starling e pela roteirista Antonia Pellegrino, é uma coletânea de trabalhos sobre sete mulheres que participaram ativamente para que o Brasil alcançasse a sua independência de Portugal e está dividido em sete capítulos: 1) “Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, filha do país das Minas”, de autoria da historiadora, pesquisadora, escritora e professora universitária da UFMG Heloisa M. Starling; 2) “Bárbara de Alencar, heroína do Crato”, da roteirista e produtora premiada pela Academia Brasileira de Letras e Academia do Cinema Brasileiro Antonia Pellegrino; 3) “Lamentos e lutas de Urânia Vanério na Independência do Brasil” da historiadora, pesquisadora e professora universitária da UFBA, Patrícia Valim; 4) “Maria Felipa de Oliveira, a mulher que veio do mar e ruminava fogo” da escritora brasileira Cidinha da Silva; 5) “Maria Quitéria: algo novo na frente da batalha” da historiadora e pesquisadora Marcela Telles; 6) “A coroa que lhe cabe: Leopoldina e a aventura de fazer um Brasil” da jornalista Virginia Siqueira Starling; 7) “Ana Lins, dama

do açúcar e combatente republicana” da jornalista e escritora brasileira Socorro Acioli. Lançado em setembro de 2022, no contexto dos debates sobre o Bicentenário da Independência do Brasil, tem como foco as mulheres que tiveram atuação política e buscaram fazer com que suas vozes fossem ouvidas.

Destacando a força feminina, a obra apresenta um pouco da vida e participação dessas mulheres na história da independência brasileira. Foram importantes personagens e protagonistas femininas da História. Elas tiveram atuação fundamental para que a liberdade brasileira fosse conquistada. É importante ressaltar que essas personagens eram mulheres, pois a época em que elas viviam a participação feminina no mundo público era vedada e a mulher estava restringida aos deveres domésticos e religiosos. Portanto, elas quebraram tabus, romperam barreiras e lutaram, cada qual de sua forma, para que o Brasil se visse independente. No entanto, a História tende a ser um espaço de atuação majoritariamente masculino, como aponta o filósofo e historiador Losandro Antonio Tedeschi:

A primeira dificuldade que o (a) historiador (a) precisa enfrentar quando se dedica ao estudo da história da escrita feminina decorre do que se pode denominar de “natureza masculina” ou androcentrismo da História, que tem ocultado o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade (2016, 153)

Apesar disso, “as mulheres têm uma história, não são apenas destinadas à reprodução, são agentes históricos e possuem uma historicidade [...]” (Tedeschi 2016, 153). No entanto, durante muito tempo, a História foi um espaço de dominação, em que o poder da escrita e do saber cabiam à figura masculina, enquanto a mulher, historicamente subalternizada, se via ocultada. À mulher cabia o silêncio, a submissão e a conformação de que cairia no esquecimento. Seguirei agora a apresentação das mulheres retratadas no livro de Heloísa Starling e Antônia Pellegrino (2022).

### **1.1 Hipólita Jacinta Teixeira de Melo**

Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, a primeira mulher conjurada, fazia parte da elite colonial de Minas Gerais. Sua família possuía uma das três maiores fortunas da Comarca do Rio das Mortes. Ela recebeu uma educação diferenciada das outras meninas, pois “aprendera a ler e escrever em português e em francês, a língua culta ao fim do século XVIII, que ela também falava fluentemente” (Starling 2022, 19). Casou-se com Francisco Antônio de Oliveira Lopes que, de acordo com Heloisa Starling – na mesa do Festival de História (fHist), em Belo

Horizonte, em abril de 2023<sup>7</sup> -, era amigo de Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes. Eles serviram juntos no Regimento de Cavalaria de Minas Gerais. Hipólita e seu marido Francisco participaram ativamente da Conjuração Mineira, estando presentes nos serões do levante. Ao que tudo indica, Hipólita conhecia muito bem a estrutura e a estratégia militar do movimento. Ela também sabia quem eram os líderes militares. Quando Tiradentes foi preso, a notícia chegou em primeira mão à fazenda de Hipólita. Ao tomar conhecimento do ocorrido, Hipólita decidiu enviar bilhetes avisando ao marido e aos dois líderes da Conjuração Mineira sobre a prisão de Tiradentes. De acordo com Heloísa Starling:

[Hipólita] decidiu tocar a revolta para frente; tudo indica que partiu dela a ordem de dar início ao levante militar. Instruiu trazer a tropa do Serro para o lado da sedição, largar o brado de “Viva o Povo” [...] e deflagrar a guerra em vários pontos da capitania. [...]. Ela foi dura no arremate: “Quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas. E mais vale morrer com honra que viver com desonra”, escreveu. [...]. O propósito da mensagem de Hipólita era dar início à resistência armada (2022, 40)

Muitos conjurados foram presos, mas Hipólita “foi punida pelo governador Visconde de Barbacena com a perda total de seus bens, sem direito a meação conjugal, pela sua efetiva participação na rebelião” (Rodrigues 2008, 56). No fHist 2023 Heloísa Starling afirmou que a atuação política de Hipólita no levante contra a dominação portuguesa e a favor da liberdade, fez com que ela fosse a única esposa de conjurado que recebeu punição por crime de inconfidência, se tornando a primeira mulher conjurada. Contudo, Hipólita foi apagada da História, não havendo nenhum desenho, pintura ou descrição física dela. A única coisa que restou de Hipólita e que comprova a sua existência e a sua participação política, é o bilhete por ela escrito e enviado para as lideranças militares da Conjuração Mineira.

Infelizmente existem poucos trabalhos sobre Hipólita Jacinta Teixeira de Melo. Entre os trabalhos sobre a conjurada, além do livro sobre as sete mulheres da independência, de Heloísa Starling e Antonia Pellegrino, pode-se destacar o livro “Hipólita: a mulher inconfidente”, do escritor Ronaldo Simões Coelho (2000).

---

<sup>7</sup> Festival de História. MULHERES esquecidas da independência do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=roUSNChDtVk> Acesso em: 27 de junho de 2024.

Figura 01 - Hipólita Jacinta Teixeira de Melo



Fonte: Ilustração de Juliana Misumi

## 1.2 – Bárbara de Alencar

Bárbara Pereira de Alencar, pernambucana, “mulher-macho”, é considerada a primeira presa política do Brasil e uma das primeiras republicanas do país. Filha de mãe indígena e pai português, casou-se com José Gonçalves, pretendente escolhido por ela mesma. O casal teve cinco filhos. Segundo Antonia Pellegrino, Bárbara realizava as tarefas domésticas e cuidava dos filhos e de seu pai, que se encontrava em idade avançada e adoentado. Além dos afazeres domésticos, ela também administrava o engenho de cachaça e rapadura de sua família. Bárbara também produzia tachos, mesmo seu marido sendo contra. A republicana, com o naturalista Manuel de Arruda Câmara, aprendeu sobre botânica e “outras coisas mais perigosas que a urtiga brava: as ideias de Voltaire, Montesquieu e Rousseau”. Em 1800, ela matriculou seus dois de seus filhos, José Carlos e José Martiniano, no Seminário de Nossa Senhora da Graça, localizado na cidade de Olinda, em Pernambuco. Martiniano, nutrido por Bárbara pelos ideais revolucionários, liderou a revolução no Ceará em 1817. Bárbara, já com 57 anos de idade, liderou a revolução ao lado de Martiniano, lutando contra o autoritarismo da Coroa Portuguesa. O povo saiu às ruas gritando vivas à República, à pátria e à liberdade (Pellegrino 2022, 66). A alegria durou pouco, em oito dias a Coroa havia restaurado o controle.

Bárbara se apressa em esconder seu dinheiro e fugir com alguns pertences. É acolhida no Sítio Miranda, de propriedade de uma antiga inimiga, Dona Mathilde Teles. [...] A Coroa ainda confisca diversas propriedades da família Alencar. Prevendo o pior, Dona Mathilde realiza uma queima de arquivo (Pellegrino 2022, 71)

Bárbara de Alencar, a única presença feminina que atuou na revolução de 1817, foi presa por se envolver e liderar o levante, se tornou a primeira mulher a sofrer violência política de gênero e a primeira presa política no Brasil (Pellegrino 2022, 72) Ela conseguiu, de acordo com o historiador João Alfredo de Souza Montenegro (1995, 146), acabar com os preconceitos da sociedade do seu tempo, sem que sua dignidade fosse manchada, adentrando na História com uma notória aptidão para a liderança comunitária e política, que naquele momento era considerado um domínio masculino. O historiador ainda aponta:

Ai da mulher que fosse audaciosa; era logo atacada, cercado-a de apodos, de histórias sem fundamento, numa rede de intrigas de que foi fértil o sertão cearense em tempos passados, para não ir adiante. Ai da mulher que demonstrasse inteligência, suplantando, em meio ao machismo dominante, os homens; estes de imediato caíam sobre ela com mil insultos. Na mulher, a inteligência era comparada à insânia, à leviandade [...]. Se ingressava na política, o escândalo se tornava completo, principalmente quando ocupava posição de liderança (Montenegro 1995, 148)

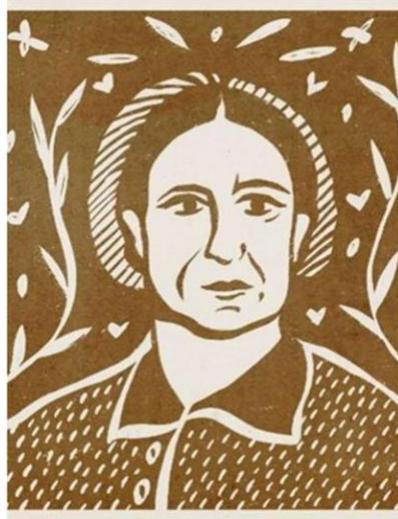
Bárbara ocupou papel de protagonista em um movimento político-revolucionário, causando raiva e inveja em muitos apoiadores da Coroa portuguesa e do patriarcado, que tentaram manchar sua honra com falsas acusações. A heroína do Crato “[...] rompeu padrões de gênero de sua época, entrou no imaginário popular cearense como guerreira e mãe da independência” (Pellegrino 2022, 80).

Há diversos trabalhos sobre Bárbara de Alencar, dentre os quais destaco os livros “Bárbara de Alencar”, de Ariadne Araújo (2017); “Bárbara de Alencar: a guerreira do Brasil”, de Roberto Gaspar (2001) e os artigos “Bárbara de Alencar e as raízes brasileiras da violência política de gênero” de Antonia Pellegrino (2022) – que é autora do capítulo referente à Bárbara de Alencar, no livro “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá” (2022) –, este trabalho foi apresentado no Seminário “A Outra Independência”, ocorrido no Sesc São Paulo<sup>8</sup>. Além do artigo, já mencionado, “Bárbara de Alencar” de João Alfredo de Souza Montenegro (1995).

---

<sup>8</sup> SEMINÁRIO com curadoria da historiadora Heloisa Starling propõe reflexões sobre a independência brasileira para além das margens do Ipiranga. Centro de Pesquisa e Formação. Sesc São Paulo. Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/diversos-22-a-outra-independencia> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 02 - Bárbara Alencar



Fonte: Retrato de Bárbara de Alencar - Catarina Pignato/Folhapress

### **1.3 – Urânia Vanério**

Urânia Vanério, uma menina baiana de apenas 10 anos de idade, filha de pais portugueses, revoltada com a brutalidade das lutas entre portugueses e baianos e a morte de inocentes, decide colocar em palavras sua indignação. De acordo com a historiadora Patrícia Valim (2022), Urânia é a autora de um dos principais panfletos nas lutas das províncias pela independência. O panfleto, denominado “Lamentos de uma baiana”, relatava, em forma de versos, a indignação de Urânia, que assinava o panfleto anonimamente utilizando o pseudônimo de “baianinha”, fazendo críticas à Coroa Portuguesa (Valim 2022).



conta do trabalho de seu pai, Euzébio Vanério, que havia sido chamado para fazer parte do Conselho Interino de Governo e atuar como oficial civil e secretário do Comandante em chefe da Divisão de Pirajá, Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque. Em 1823, na província do Sergipe, Euzébio é preso, acusado de desordem política e enviado para o Forte de São Pedro, em Salvador. Com isso, Urânia e sua mãe voltam para sua antiga morada. Quando Euzébio saiu da prisão, ele passa a trabalhar no periódico “O grito da razão”, visando demonstrar seu apreço pela Bahia e seu povo, já a mãe de Urânia, retoma as aulas no antigo colégio da família (Valim 2022). Urânia toma uma decisão:

Em 28 de abril de 1825, o periódico *Diário Fluminense* noticiou um acontecimento pouco usual para uma menina daquela época: Urânia Vanério solicitou ao Imperador, em 21 de abril, uma licença para a abertura de uma nova “escola de ensino mútuo na Bahia”. O pedido foi aceito, remetido ao governador, e Urânia passou a trabalhar com seus pais (Valim 2022, 96)

Urânia Vanério mesmo sendo uma menina muito jovem, conseguiu utilizar o privilégio que tivera na infância, a educação, para se engajar politicamente. Através da sua escrita atuou na resistência à dominação lusitana, a fim de lutar por um país em que reinasse a justiça, a liberdade e a igualdade. Urânia foi uma menina à frente do seu tempo, que se posicionava, questionava, criticava e, mesmo após casada, continuou trabalhando como professora, mostrando que “o casamento e a maternidade não são as únicas opções para as mulheres” (Valim 2022, 99)

A identidade da baianinha só foi descoberta no ano de 2022 pela historiadora Patrícia Valim<sup>9</sup> que, após muitos anos de pesquisa e dedicação, conseguiu descobrir o verdadeiro nome por trás do pseudônimo no “Lamentos de uma baiana”. A baiana que lamentava era Urânia Vanério.

---

<sup>9</sup> BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. Jornal Correio, 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em 28 de junho de 2024.

Figura 04 - Urânia Vanério



Fonte: Ilustração – Quintino Andrade

#### 1.4 – Maria Felipa de Oliveira

Maria Felipa de Oliveira, mulher negra e baiana, é considerada heroína da batalha de Itaparica, uma das diversas batalhas travadas na Bahia pela Independência do Brasil contra as tropas portuguesas. Marisqueira, ganhadeira e pescadora de baleia, Maria Felipa de Oliveira sabia navegar, conhecia o rio Paraguaçu de olhos fechados e lutava capoeira (Silva 2022). Era:

[...] alta, corpulenta, energética. Costumava usar batas bordadas na cor branca, saias rodadas, turbante, torço e chinelas. [...] aproveitava-se dessas vestes para esconder armas, principalmente as peixeiras que utilizavam em seu trabalho. Folhas de espinhos também eram ocultas junto a flores e outras folhas comuns, fazendo com que parecessem estar apenas enfeitadas. Ela tinha a fé de seus antepassados, a fé do candomblé dos orixás, dos caboclos escondidos nas matas. Uma fé injustiçada, que não podia se declarar em público, praticada clandestinamente (Silva 2018, 32-33).

A baiana liderava um grupo de homens e mulheres, responsáveis pelo abastecimento de alimentos durante a guerra e, por conhecer bem as águas do Paraguaçu - de acordo com Cidinha da Silva - sabia onde estariam aportados as embarcações lusitanas. Desta forma, conseguia desviar das mesmas a fim de evitar prováveis ataques e saques, especialmente de alimentos. Com o objetivo de obter mais informações sobre a movimentação inimiga, “Maria Felipa, Marcolina, Joana Soleiro, Brígida do Vale e outras 37 mulheres, cujos nomes a história omitiu, compunham o *Batalhão das Vedetas*”. A baiana era a líder do grupo de mulheres que vigiava a movimentação dos soldados portugueses de diversos pontos diferentes da ilha, além de levar as informações obtidas para seus aliados, postos em Salvador (Silva 2022, 105-120).

No dia 06 de janeiro de 1823, cerca de 40 embarcações avançaram em direção à ilha de Itaparica. Então Maria Felipa reuniu as Vedetas e se armaram com folhas de cansação (uma espécie de urtiga) junto às flores e folhas comuns presas à saia, bebidas e tochas improvisadas. Quando os portugueses estavam na praia e viram o grupo de mulheres liderado por Maria Felipa, não se preocuparam, acreditando que estavam apenas enfeitadas de folhas e flores e querendo se divertir com eles. Os soldados beberam e se deixaram seduzir pelas mulheres, que pegaram de surpresa surrando-os com os galhos de cansação. Depois atearam fogo nos navios portugueses que estavam atracados na praia com as tochas por elas improvisadas. Maria Felipa e suas companheiras lutaram contra os soldados portugueses até que eles deixaram a ilha três dias depois (Silva 2022).

Maria Felipa desempenhou papel fundamental para a vitória na luta contra os portugueses, impedindo que tomassem a província da Bahia. Ela lutou pela independência, não só nesta batalha como também em outras. Por conta de sua bravura e atuação é considerada uma heroína da independência no estado da Bahia. Maria Felipa de Oliveira representa a força feminina, representa as mulheres negras, representa as mulheres da Bahia, as mulheres da capoeira, da pesca, do candomblé. Maria Felipa hoje tem seu nome gravado no Livro de heróis e heroínas da Pátria, conforme a Lei 13.697, de 2018<sup>10</sup>, tem um monumento em sua homenagem em Salvador<sup>11</sup>, seu nome é nome de praça<sup>12</sup>, é nome da primeira escola afro-brasileira do país<sup>13</sup>. No passado, foi menosprezada pela historiografia tradicional, mas o povo nunca esqueceu dela, Maria Felipa permaneceu viva na memória do povo baiano.

---

<sup>10</sup>BRASIL. Lei nº 13.697, de 26 de julho de 2018. Inscreve os nomes de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, Sórora Joana Angélica de Jesus, Maria Felipa de Oliveira e João Francisco de Oliveira (João das Botas) no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Diário oficial da união: seção 1, Brasília, DF, 26 jul. 2018. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2015-2018/2018/Lei/L13697.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2018/Lei/L13697.htm) Acesso em: 28 de junho de 2024.

<sup>11</sup> MONUMENTO em homenagem a Maria Felipa, heroína da independência do Brasil na Bahia, é inaugurado em Salvador. G1 BA, jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/2-de-julho/noticia/2023/07/27/monumento-em-homenagem-a-maria-felipa-heroína-da-independência-do-brasil-na-bahia-e-inaugurado-em-salvador.ghtml> Acesso em 28 de junho de 2024.

<sup>12</sup> PRAÇA Cairu, em Salvador, tem nome alterado e vira Praça Maria Felipa; entenda como são feitas as mudanças. G1 BA, mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/03/14/mudanca-de-nome-de-praca-em-salvador.ghtml> Acesso em: 28 de junho de 2024.

<sup>13</sup> Escola Maria Felipa. Disponível em: <https://escolamariafelipa.com.br/> Acesso em 28 de junho de 2024.

Figura 05 – Monumento na Praça Cairu (atual Praça Maria Felipa) em Salvador (BA)



Fonte: Jornal Correio

Figura 06 – Monumento Maria Felipa



Fonte: Bahia Notícias

Figura 07: Escola Afro-brasileira Maria Felipa – Salvador (BA)



Fonte: Página da Escola Maria Felipa no Facebook

### 1.5 – Maria Quitéria de Jesus

Maria Quitéria de Jesus talvez seja uma das mulheres da independência mais conhecidas. Ela foi a primeira mulher a fazer parte do exército brasileiro. Era a filha mais velha

de Gonçalo Alves de Almeida e Quitéria Maria de Jesus. Ficou órfã de mãe ainda criança e teve que assumir os afazeres da casa e tomar conta dos irmãos. Seu pai se casou duas vezes após o falecimento de sua primeira esposa, mas Maria Quitéria não se dava bem com a sua madrasta que “não se conformava com a preferência daquela moça por armas de fogo, por montar e domar cavalos em vez de fiar, tecer, coser, cuidar da casa e preparar-se para o casamento”. Por esse motivo, Maria Quitéria passava horas longe de casa em meio à mata caçando, sem se preocupar com casamento (Telles 2022, 123-142).

Em meio aos conflitos pela separação de Brasil e Portugal em todo o Recôncavo Dom Pedro era aclamado “Regente e Perpétuo Defensor e Protetor do Reino do Brasil”, aderindo, assim ao projeto de Independência. Com isso, começou a procura por homens para se juntar ao exército brasileiro e lutar contra as tropas portuguesas pela Independência. Um emissário do Conselho Interino bateu à porta da casa de Maria Quitéria com o objetivo de recrutar homens para lutar na vila de Cachoeira. Porém o pai de Maria Quitéria respondeu que já estava em idade avançada, não tinha nenhum filho homem em casa e com idade para servir e não iria ceder nenhum escravizado para lutar no exército brasileiro. Maria Quitéria foi até a casa de sua irmã, Maria Teresa, que era casada com José Cordeiro de Medeiros, para contar-lhe sobre a visita que haviam recebido. Durante a conversa com a irmã ela lhe confidenciou que desejava ser homem para poder se alistar e lutar ao lado do Brasil. Maria Teresa lhe disse que para isso não era preciso ser homem e encorajando a irmã, lhe deu algumas roupas de seu marido (Telles 2022).

Maria Quitéria voltou para casa com as roupas do cunhado e “aproveitou a ida de seu pai à Cachoeira, e [...] o acompanhou a uma distância calculada para não ser descoberta e, ao mesmo tempo, obter socorro em caso de perigo” (Telles 2022, 131). Chegando na cidade, vestiu-se com as roupas do cunhado e foi alistar-se sob a alcunha de “Soldado Medeiros”. Em pouco tempo passou das fileiras do Regimento de Artilharia, montando guarda, para o “Batalhão de PeriQUITOS”, comandado por José Antônio da Silva Castro. Maria Quitéria lutou em diversas batalhas - uma delas ao lado de Maria Felipa - e foi se destacando entre os soldados do batalhão por suas habilidades com armas (Telles 2022). No entanto, Maria Quitéria foi descoberta:

Em abril de 1823, quando tomou parte na defesa da ilha de Itaparica estava claro para todos tratar-se de uma mulher. Apesar de não saber ao certo quando Maria Quitéria foi identificada pelos seus companheiros e superiores, uma portaria de 28 de março de 1823, do Conselho Interino do Governo, instruiu o Inspetor dos fardamentos, montarias e misteres à entregar “ao cadete Maria Quitéria, dois saíotes de camaleão ou de outro pano semelhante e uma fardeta de polícia”, e, no dia 31 do mesmo mês, outra ordem manda que lhe seja fornecida uma

espada. Para deixar ainda mais evidente essa condição, sua farda foi adaptada com a sobreposição de um saiote (Telles 2022, 134).

Apesar de ter sido descoberta pelo batalhão, não foi punida. Recebeu uma espada e um saiote para pôr sobre a farda, podendo ser identificada como mulher em meio ao exército. Após o fim da guerra, durante passagem pela Corte, Maria Quitéria recebeu de Dom Pedro a Ordem Imperial do Cruzeiro. Assegurou também o recebimento de salário de Alferes até o fim de sua vida, conquistando assim, sua independência financeira (Telles 2022).

Maria Quitéria se alistou, lutou e permaneceu junto ao batalhão até o fim da guerra. Como sua participação foi reconhecida por Dom Pedro em meio a toda a Corte, não teria como apagá-la da história, como aconteceu com Hipólita, por exemplo. No entanto, há diferentes formas de apagamento e silenciamento das figuras femininas, como aponta a historiadora Patrícia Valim:

Esse processo de apagamento pode ocorrer de duas formas: [...] esvaziar as lutas das mulheres do tempo ido, ligando-as ao protagonismo de homens com os quais tiveram algum laço familiar ou afetivo [...] outra forma de silenciamento do protagonismo das mulheres na história por meio da masculinização (Valim 2022, 87)

No caso de Maria Quitéria, a forma de silenciamento foi a masculinização. Tornou-se reconhecida não por ser uma mulher corajosa que lutou no exército, mas por ter habilidades consideradas masculinas e ocupar um espaço e uma função tradicionalmente ocupada por homens. Maria Quitéria quebrou tabus e preconceitos, mostrou que não existe sexo frágil e que não é papel da sociedade premeditar o lugar em que a mulher deve estar.

Figura 08: Maria Quitéria de Jesus Medeiros



Fonte: Domenico Failutti (1920) – Feira Hoje

## 1.6 – Maria Leopoldina

Carolina Josefa Leopoldina Fernanda Francisca de Habsburgo-Lorena, ou simplesmente Maria Leopoldina, foi a primeira imperatriz do Brasil e uma das principais arquitetas da Independência do país. Filha de Francisco I da Áustria e Maria Teresa de Nápoles e Sicília, Leopoldina se casou por procuração com o príncipe Pedro, filho do rei de Portugal Dom João VI e da rainha Carlota Joaquina de Bourbon, sem nunca o ter visto. A jovem princesa atravessou o oceano em direção ao Brasil, onde estava a Corte portuguesa, para conhecer seu marido e cumprir seu papel de princesa e esposa do herdeiro do trono português (Starling 2022).

O casamento de Leopoldina e Pedro no começo, foi uma verdadeira lua de mel, mas aos poucos, Pedro foi perdendo o interesse em Leopoldina e mostrando-se um homem grosseiro, egoísta e infiel. O matrimônio pode não ter sido da forma que Leopoldina sonhara e se esforçara para ter com Pedro, mas “fez com que Leopoldina entrasse no palco da política brasileira e atuasse diretamente no cenário do país” (Starling 2022, 147).

Leopoldina era uma mulher muito inteligente, decidida e corajosa, sabia muito sobre política e era uma ótima estrategista. Havia recebido a educação do programa de ensino dos arquidukes Habsburgo, desde criança, estudando:

[...] leitura, escrita, alemão, francês, italiano, dança, desenho, pintura, história, geografia e música; em módulo avançado, matemática (aritmética e geometria), literatura, física, latim, canto e trabalhos manuais [...]. Desde cedo, Leopoldina mostrou maior inclinação para as disciplinas de ciências naturais, interessando-se principalmente por mineralogia (Rezzutti 2017, 48-49).

Leopoldina foi criada para ser uma arquiduquesa e saber atuar politicamente. Paulo Rezzutti nos mostra que Dom Pedro era “Guiado pela esposa, que articulava nos bastidores [...]” (2017, 208). Leopoldina estava sempre atenta acerca dos acontecimentos no Brasil, especialmente na política nacional, sabendo como auxiliar o marido quando necessário. A princesa mostrou-se firme e decidida em momentos importantes, não se deixando ser usada ou manipulada, como quando impediu a volta de Dom Pedro, sozinho, para Portugal em 1821, deixando-a grávida, com a filha mais velha, a princesa Maria da Glória, no Brasil. Maria Leopoldina:

[...] suspeitava das motivações de d. João e companhia, e recusou-se de forma categórica a permitir que o marido seguisse para Portugal caso ela permanecesse no Rio de Janeiro. Avaliava que a medida seria um artifício para retê-la como uma espécie de garantia pela lealdade do príncipe, em quem o rei não confiava plenamente. Afinal, se os planos de d. João funcionassem, ele teria em mãos a princesa e dois herdeiros na América, ao passo que o filho mais velho estaria na Europa. Controlaria, assim, suas duas principais possessões (Starling 2022, 147)

De acordo com Virgínia Siqueira Starling (2022), a princesa ameaçava embarcar em um navio clandestino em direção à Portugal com a filha e dar à luz em alto mar para ficar ao lado do marido. Dom João VI acaba cedendo e volta para Portugal com a família, deixando Pedro como príncipe regente do Brasil.

Leopoldina via o Brasil como país e compreendia que ele estava em constante disputa. A princesa percebeu que “Crescia a oposição dos brasileiros aos mandos e desmandos das Cortes” (Starling 2022, 163). Assim, ela começou a pensar na criação de uma monarquia constitucional independente e conter as ondas republicanas e revolucionárias que avançavam sobre o Brasil. Leopoldina convenceu Dom Pedro a assumir de vez compromisso com o Brasil. Deste modo, comemorou-se o dia do “Fico”, em 9 de janeiro de 1822. A partir daí, Dom Pedro passou meses viajando pelo país buscando apoio e tentando acalmar os ânimos em diferentes províncias a fim de evitar que revoltas explodissem. Leopoldina permaneceu no Rio de Janeiro, e em 13 de agosto de 1822, Dom Pedro assinou um decreto a nomeando princesa regente do Brasil dando-lhe plenos poderes enquanto ele permanecia fora. Através deste documento, Dom

Pedro demonstrou que confiava em Leopoldina e sabia que ela seria capaz de governar o país em sua ausência (Starling 2022).

Na Corte a princesa estava sempre atenta às movimentações portuguesas e enviava cartas atualizando o marido constantemente. Leopoldina defendia que era hora de separar o Brasil e Portugal e buscava fomentar essa ideia em Dom Pedro. Quando chegou a mensagem de que Pedro deveria voltar para Portugal e que seus poderes estavam restringidos até sua volta à Europa, Leopoldina convocou o Conselho de Estado para uma reunião decisiva presidida por ela. Durante o encontro chegaram ao consenso de que era hora de Dom Pedro agir. José Bonifácio e Leopoldina escreveram cartas à Pedro pedindo para que este proclamasse a independência. Ao ler as cartas o príncipe atendeu aos apelos do Conselho e de sua esposa, e no dia 7 de setembro de 1822, no Ipiranga, ele declarou a separação do Brasil de Portugal (Starling 2022).

Leopoldina, agora Imperatriz do Brasil, conquistou espaço e voz atuando politicamente, algo raro para a mulher naquela época. Ela foi a principal arquiteta da independência do Brasil. Além disso “apoiou a organização do acervo fundador do Museu Real, que futuramente seria o nosso Museu Nacional, e incentivou projetos de pesquisa científicos e artísticos [...]” (Starling 2022, 147). Apesar de toda sua contribuição para o Brasil e sua notável participação pública na política, a imperatriz é cercada por estereótipos que apagam da memória brasileira os seus feitos. Ficou conhecida apenas como a esposa de Dom Pedro I. Uma mulher infeliz, maltratada e traída pelo marido, mas que continuou sendo uma boa esposa e uma boa mãe até o fim. Esvaziaram a sua luta e o seu protagonismo. Foi ligada apenas ao protagonismo de Dom Pedro. Uma forma de apagamento da figura feminina na história de Maria Leopoldina é muito mais do que estereótipos. Como diz o samba-enredo de 2022 da Sociedade Beneficente Cultural e Recreativa Imperatriz Dona Leopoldina<sup>14</sup>, escola de samba do carnaval de Porto Alegre (RS): “Minha imperatriz! / Ah, que saudade! / Companheira de toda vida / Leopoldina, tua sina é coragem/ Minha imperatriz batalhadora/ Vencedora, mulher de verdade!”

---

<sup>14</sup> CARNAVAL Alegre RS. Imperatriz Dona Leopoldina - Samba Enredo 2022. YouTube, 2 fev. 2022. 1 vídeo: 5 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AxnMY9dHtdE>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Figura 09 - Maria Leopoldina



Fonte: Wikidata

### 1.7 – Ana Maria José Lins

Ana Maria José Lins foi uma mulher nordestina que participou ativamente da Revolução Pernambucana (1817) e da Confederação do Equador (1824). Herdou o engenho de seu pai, que era sargento da Cavalaria de Porto Calvo. Sobre sua mãe se sabe que é de origem indígena, mas não se tem certeza do nome, se seria Filipa ou Ignês. Casou-se com Lourenço de Bezerra da Rocha, com quem teve duas filhas. Após o falecimento de Lourenço, Ana Lins herdou o engenho Sinimbu, “o qual o marido comprara em um estado precário e que ela reconstruiu com mão de ferro”. Mais tarde, casou-se com Manoel Vieira Dantas, um homem viúvo, comerciante de gado, que já tinha uma filha de sua falecida esposa. Com ele teve sete filhos. Ana Lins era proprietária de diversos engenhos - o engenho de Sinimbu, o engenho Varrela, o engenho Ilha, o engenho de Jequiá do Fogo e o engenho de Prata - por esse motivo foi “considerada a dama de ferro da nobreza açucareira” (Acioli 2022, 181-195).

Ao lado dos senhores de engenho de São Miguel dos Campos, Ana Lins e Manuel, participaram ativamente da Revolução de 1817. A escritora Socorro Acioli aponta que um dos grandes desejos da dama do açúcar “era fazer Alagoas independente de Pernambuco, e o Brasil de Portugal”. Para isso, Ana atuou no movimento promovendo os ideais revolucionários para

os senhores de engenho e seus escravizados, com o objetivo de trazê-los para o movimento e fazer com que se engajassem nessa luta. Através de seu discurso, conseguiu a adesão de muitos. A Coroa reagiu, “decretou prisões, realizou devassas e espalhou boatos de que Alagoas seria emancipada. As armas e a possibilidade de autonomia fragilizaram a resistência”. A Revolução fracassou (Acioli 2022, 186-187).

Ana Lins e Manuel Vieira Dantas voltam a se colocar em meio à revolução em 2 de julho de 1824, na Confederação do Equador, em Pernambuco. Manuel se pôs à frente do movimento em Alagoas a fim de ligar a província à Confederação e derrubar a Junta de Governo sediada em Alagoas. As batalhas da Confederação começaram e Ana Lins lutava ao lado dos aliados da revolta contra as tropas de Dom Pedro I (Acioli 2022). O marido de Ana e seu filho foram presos e enviados para o Amazonas, entretanto, sem se intimidar, Ana:

[...] continuou à frente do engenho Sinimbu comandando a mais destemida e feroz reação à repressão imperial [...] Ana Lins e seus aliados, em sua maioria escravizados e serviçais, resistiram enfrentando à bala as tropas inimigas até que a munição se esgotou e foram obrigados a se render [...] Ana Lins garantiu a fuga de seus aliados para que não fossem capturados pelas tropas imperiais, ficando assim no local, pagando com a própria liberdade (Acioli 2022, 189-190)

Ana Lins e seu filho foram presos e permaneceram juntos na cadeia pública de Alagoas, por aproximadamente seis meses, até junho de 1825 quando foram libertos pelo decreto de anistia aos participantes do movimento revolucionário. Livre, a dama do açúcar reconstruiu sua propriedade mais prejudicada, o engenho de Sinimbu, que foi “palco de sua luta pela liberdade” (Acioli 2022, 190).

Dentre as ambições de Ana estava a República, mas esta não foi instaurada. Apesar disso, ela conseguiu em vida ter seu desejo da separação de Alagoas e Pernambuco realizado. Ana Lins é considerada uma heroína de Alagoas por sua atuação política para a emancipação do estado. No entanto, sua memória acaba ofuscada “pelos nomes [...] dos seus maridos e dos seus filhos. [...] Apesar de seus atos de coragem e benevolência [...] foi negado a Ana Lins seu próprio mérito por tais atos’ (Acioli 2022, 183).

Figura 10 - Ana Maria José Lins



Fonte: Conecta Alagoas

Todas essas mulheres apresentadas têm algo em comum. Todas lutaram pela liberdade do país, todas ocuparam espaços que não eram considerados próprios para as mulheres. Todas tiveram seu protagonismo ou sua imagem apagada e/ou silenciada. É preciso escrever sobre elas para que elas sejam cada vez mais lembradas: “Que a palavra de uma mulher sempre salve outras mulheres das sombras” (Acioli 2022, 193).

## CAPÍTULO 2 – AS MULHERES QUE ESTAVAM LÁ ESTÃO NA ESCOLA? UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Os livros didáticos são o material de ensino mais utilizado pelos professores nas salas de aula das escolas públicas brasileiras. Apesar de toda a tecnologia disponível, os educadores ainda preferem fazer uso do livro didático, como aponta o historiador Gilvan Ventura da Silva, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES):

Embora os professores tenham consciência da necessidade de explorar recursos alternativos, tais como jornais, revistas, filmes e músicas, a maioria permanece ainda dependente do livro didático como principal instrumento de trabalho[...] Para a maioria dos professores, o trabalho pedagógico é altamente complexo em virtude do extenso conteúdo a ser explorado no decorrer do ano letivo. Assim, o livro didático surge como um material capaz de condensar, num suporte portátil, um conjunto de informações imprescindíveis para o ensinoda disciplina. A opção por não adotar o livro didático [...] pode representar uma carga de trabalho excessiva para o professor (2009, 46-47).

Dessa forma, o livro didático, que muitas vezes tem seu uso obrigatório em algumas escolas, acaba se tornando uma ferramenta de apoio quase indispensável para a rotina exaustiva do professor. O estudante, conseqüentemente, acaba tendo o livro didático como principal material de aprendizagem em sala de aula.

Durante muito tempo, a história contada nos livros didáticos brasileiros de era explicitamente eurocêntrica, racista e androcêntrica. Somente após diversas denúncias e muita luta de pesquisadores, ativistas e movimentos sociais é que houve mudanças de cunho legislativo em relação ao livro didático, como coloca a jornalista Giovana Romano Sanchez, colaboradora do portal Gênero e Número, em matéria publicada em 05 de outubro de 2017:

Há décadas, pesquisadores e ativistas vêm denunciando o machismo e o racismo nos livros escolares. Foi por causa dessas denúncias que em 1993 o Estado brasileiro passou a avaliar as obras compradas e distribuídas nas escolas públicas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Foi também graças à pressão de ativistas negros- mulheres, principalmente – na Conferência de Durban, em 2001, que o Brasil se comprometeu a implementar políticas de combate ao racismo. Entre as medidas tomadas pelo Estado, estão as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que obrigam o ensino das histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena em todas as escolas do país. Ao lado dessas leis, a avaliação de livros contribuiu significativamente para alterar o conteúdo das obras na última década. Mas pesquisas recentes mostram que essas mudanças não foram profundas. Embora quase não existam mais casos de machismo e racismo explícitos nos materiais escolares atuais, a presença de mulheres individualizadas nas narrativas históricas, principalmente mulheres negras e indígenas, continua escassa<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> SANCHEZ, Giovana Romano. Mulheres são menos de 10% dos personagens em livro de história usado em escolas públicas. Gênero e Número, 5 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/no-rodape-da-historia-mulheres-sao-menos-de-10-de-personagens-em-livro-didatico-usado-nas-escolas-publicas/> Acesso em: 18 de junho de 2024.

De acordo com Sanchez, a coleção “História, Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos Júnior – “a mais distribuída de história pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2015 para o ensino médio pública” – é um bom exemplo para mostrar esse disparate. A jornalista destaca que “nos três livros que compõem a obra, 789 dos 859 personagens mencionados são homens e 70 são mulheres. Um percentual de 91,8% masculino e 8,2% feminino. De modo geral, “as mulheres aparecem muito mais nos rodapés e caixas laterais de textos e são “menos nomeadas do que os homens e menos propensas a serem sujeitos de ações na história”<sup>16</sup>.

Apesar de a historiografia feminina ter feito grandes avanços nos últimos anos, o silêncio imposto sobre as mulheres durante séculos acaba por se tornar um obstáculo para escrever uma história das mulheres, por conta da “dificuldade em encontrar registros, visto que[...] muitos dos seus vestígios foram apagados e excluídos” (Rambaldi e Probst 2017, 126). A presença da mulher na história era muito rara e quando aparecia, na maioria das vezes, estava ligada à figura de um homem – seja como mãe, filha, esposa ou amante –, pois sua participação não era considerada relevante para a história. Assim, a mulher não era representada ocupando papéis importantes na sociedade, sendo retida apenas à vida privada e aos seus deveres domésticos. Mesmo sendo, por vezes, silenciadas ou apagadas da história, as mulheres sempre estiveram lá:

Ao escolher histórias e sujeitos históricos específicos, a historiografia tradicional privilegiou e determinou quem seriam os/as visibilizados/as e narrados nos acontecimentos. E, nesse processo de construção da memória, percebemos que as mulheres foram e são colocadas “às margens”, tanto da produção historiográfica acadêmica, como do ensino de história nas escolas de educação básica (Nascimento 2019, 2)

Como o livro didático é o principal material de ensino-aprendizagem utilizado por educadores e estudantes, a importância de haver visibilidade feminina está em mostrar para os estudantes que as mulheres também são atuantes da história. Afinal, o “currículo de história, isto é, o que é ensinado nas salas de aula da educação básica, é responsável pela formação de subjetividades nos indivíduos” (Nascimento 2019, 2). Sendo assim, quando temos livros didáticos contando a história a partir da perspectiva de homens brancos, europeus e silenciando

---

<sup>16</sup> SANCHEZ, Giovana Romano. Mulheres são menos de 10% dos personagens em livro de história usado em escolas públicas. *Gênero e Número*, 5 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/no-rodape-da-historia-mulheres-sao-menos-de-10-de-personagens-em-livro-didatico-usado-nas-escolas-publicas/> Acesso em: 18 de junho de 2024.

a narrativa feminina, negra e indígena, pressupõe-se que esses sujeitos não fizeram/fazem parte da história.

Segundo Circe Bittencourt o livro didático tem seus prós e contras, assim como todo tipo de material didático. Pensando nessas limitações que o mesmo deve ser avaliado. Por ser uma “obra bastante complexa, que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. [...] É um objeto de múltiplas facetas, e para sua elaboração e uso existem muitas interferências”. Para Bittencourt, o livro didático é visto como uma mercadoria capitalista que recebe certa influência, de forma indireta, do Estado que está sempre presente na elaboração dos currículos escolares e a avaliação dos conteúdos presentes nos livros didáticos a serem distribuídos para as escolas públicas. Afinal, o livro apesar de não ser uma verdade de conhecimento absoluta é um material pedagógico que transmite informações que repassam ideologias e valores (2008, 301).

Hoje temos uma produção intelectual consolidada e dedicada a história das mulheres. No entanto, apesar disso, ainda há pouca visibilidade e representatividade feminina nos livros didáticos de História. A partir desse ponto, diante de tudo que foi exposto até agora, analisaremos os capítulos 8 e 9 do livro didático voltado para o 8º ano do Ensino Fundamental da coleção “História, Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos (2022), disponibilizado pelo governo através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 2024. Meu contato com esse livro ocorreu durante meu estágio no Colégio Estadual Antônio Scussel, localizado na cidade de Getúlio Vargas, Rio Grande do Sul. Meu objetivo foi investigar na publicação em questão, qual a narrativa apresentada no que se refere a participação das mulheres no processo de independência do Brasil (1822).

O capítulo 8 intitulado “A chegada da família real” trata da grave situação diplomática que Portugal se encontrava no início do século XIX por conta das guerras napoleônicas, Bloqueio Continental e aumento da pressão da Inglaterra. Quando a situação se tornou insustentável diante da ameaça concreta de invasão em seu território, a corte portuguesa colocou em prática a antiga ideia de mudar a sua sede para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro. A discussão segue até o processo de independência do Brasil que culminou com o 07 de setembro de 1822. Para ilustrar esse momento, na primeira página do capítulo (Boulos 2022, 141) temos duas imagens: 1) fotografia do Museu Paulista, localizada na cidade de São Paulo (SP); 2) quadro “Independência ou Morte” de Pedro Américo (1888), que atualmente encontra-se exposta no museu mencionado. Nessa pintura, ao centro da cena, vemos Dom Pedro I montado imponente sobre o cavalo, empunhando a espada enquanto brada a independência do Brasil. Minha primeira impressão ao ver a imagem dessa pintura foi de que eu não iria me surpreender

com o que estava por vir. Afinal, como esperar uma história diferente da que sempre centraliza a figura do imperador se é a imagem dele que destaca o capítulo?

Figura 11– Museu Paulista da USP



Fonte: Alumni USP

Figura 12: “Independência ou Morte” – Pedro Américo (1888)



Fonte: Wikipédia

E de fato eu não me surpreendi. Durante todo o capítulo as referências aos homens são predominantes, especialmente Dom João VI e Dom Pedro I. Sobre Dom João VI - rei de Portugal – o autor do livro destaca as mudanças realizadas na cidade do Rio de Janeiro. O que ficou conhecido na historiografia como “Período Joanino” (1808-1822). Sobre Dom Pedro I o autor destaca seu protagonismo no processo de independência, principalmente após o retorno de Dom João VI a Portugal em 1821.

Ainda no capítulo 8º encontramos um breve resumo sobre o movimento separatista que ficou conhecido como Revolução Pernambucana e tomou conta de várias regiões do Norte e Nordeste no ano de 1817. Dentre os fatores que desencadearam o movimento destacam-se dois pontos: 1) a crise socioeconômica que a região atravessava há quase um século em razão da desvalorização do comércio do açúcar e do algodão brasileiro no mercado externo; 2) a revolta dos pernambucanos devido ao aumento na cobrança de impostos por conta da presença da família real portuguesa no Brasil. O movimento foi reprimido pelas tropas fiéis ao governo central (Boulos 2022, 148).

Dentre as figuras masculinas que atuaram na Revolução Pernambucana de 1817, o autor destaca duas lideranças, Domingos José Martins e Miguel Joaquim de Castro. Por outro lado, Bárbara Alencar e Ana Maria José Lins – já apresentadas no Capítulo 01 – não foram mencionadas em nenhum momento.

Outra questão muito importante apresentada no capítulo 8 do referido livro didático é a discussão sobre o processo de emancipação política brasileira. A narrativa apresentada está centralizada na figura de Dom Pedro como personagem principal. Alfredo Boulos Júnior faz menção às duas cartas que Dom Pedro recebeu quando estava em São Paulo: 1) uma das Cortes portuguesas que anulava seus atos e ordenava sua volta à Portugal; 2) uma de José Bonifácio de Andrada e Silva - considerado mais tarde patrono da independência - ministro de Dom Pedro, na qual dizia que se o príncipe não declarasse a independência do Brasil, teria que voltar para Portugal como prisioneiro das Cortes portuguesas (2022, 151). De acordo com o autor, após ler as cartas Dom Pedro tomou a decisão de declarar a independência do Brasil. Entretanto, algo que me chamou a atenção foi o fato de a carta de Leopoldina para o marido não ter sido mencionada pelo autor. Aliás, neste capítulo a imperatriz não é citada em nenhum momento. É como se ela sequer tivesse existido ou feito parte de todo esse processo. Somente duas mulheres são mencionadas durante todo o capítulo 8 do livro didático, em meio a tantos nomes masculinos. Elas não são nenhuma das sete mulheres da independência neste trabalho apresentadas, elas são: Dona Maria I e Maria Graham.

Figura 13: Dona Maria I



Fonte: ebiografia.

Figura 14: Maria Graham, Lady Callcott



Fonte: Wikipedia

Dona Maria I - rainha de Portugal - aparece no corpo do texto, mas é colocada apenas como a mãe de Dom João VI, sendo citada por ocasião de sua morte que fez com que seu filho se tornasse rei de Portugal:

Enraizado no Rio de Janeiro e interessado em permanecer, em 1815, D. João elevou o Brasil a Reino Unido a Portugal e Algarves. No ano seguinte, com a morte da mãe, dona Maria I, tornou-se rei, com o título de D. João VI (Boulos 2022, 145)

Maria Graham foi uma escritora inglesa citada no livro “Independência do Brasil: as mulheres estavam lá”, de Antonia Pellegrino e Heloisa Starling, no capítulo sobre Maria

Quitéria de Jesus escrito por Marcela Telles (2022, 137). Seus relatos e testemunhos, atentos e detalhados, escritos em seu diário foram de grande importância, servindo como fontes para a construção de uma historiografia do processo da independência<sup>17</sup>. No livro de Alfredo Boulos, Maria Graham é brevemente mencionada em uma das atividades no final do capítulo 8, em um trecho do livro dos historiadores Ilmar Rohloff de Mattos e Luís Affonso Seigneur de Albuquerque, “Independência ou morte: a emancipação política do Brasil” (1991). Nesse trecho escolhido por Boulos Júnior, Maria Graham é apontada apenas como a esposa do oficial da Marinha de Guerra inglesa, e teria vindo ao Brasil para acompanhá-lo:

Maria Graham veio ao Brasil, acompanhando seu marido, oficial da Marinha de Guerra inglesa. Em 1822, no Rio de Janeiro, ela constatou a preponderância dos comerciantes e das mercadorias inglesas: “[...] Fui à terra fazer compras [...]. Há muitas casas inglesas, tais como celeiros e armazéns, não diferentes do que chamamos na Inglaterra um armazém italiano, de secos e molhados, mas, em geral, os ingleses aqui vendem suas mercadorias em grosso a retalhistas nativos ou franceses. Os últimos têm muitas lojas de fazendas, armarinhos, modistas. Quanto a alfaiates, penso que há mais ingleses do que franceses, mas poucos de uns e outros. Há padarias de ambas as nações, e abundantes tavernas inglesas [...]. As ruas estão, em geral, repletas de mercadorias inglesas. A cada porta as palavras ‘Superfino de Londres’ saltam aos olhos. [...]” (2022, 154).

O capítulo 9 intitulado “O reinado de D. Pedro I: uma cidadania limitada” trata da independência brasileira e do reinado do primeiro imperador do Brasil. Seus principais objetivos são: 1) “Refletir sobre o pagamento que o governo de D. Pedro I fez a Inglaterra para que ela reconhecesse a independência do Brasil”; 2) “Debater sobre os limites da cidadania no Brasil Imperial a partir da Constituição de 1824”; 3) “Trabalhar com o bloco conceitual dominação e resistência com base no estudo da Confederação do Equador”; 4) “Compreender as razões da abdicação de D. Pedro I” (Boulos 2022, 162).

Logo na introdução do capítulo 9 encontramos a gravura de Jean-Baptiste Debret – século XIX, denominada “A aclamação de Dom Pedro I” (Boulos 2022, 163). Aqui vale a pena lembrar que após a Proclamação da Independência do Brasil em 07 de setembro de 1822, Dom Pedro foi aclamado imperador no Brasil no dia de seu aniversário, 12 de outubro de 1822 e coroado imperador meses depois, em 01 de dezembro de 1822. De acordo com João Carlos E. Filho e Ricardo Salles:

Ao ser coroado imperador, em 1º de dezembro de 1822, D. Pedro I não estava apenas diferenciando-se das trajetórias políticas dos demais países independentes das Américas, mas também se diferenciava em relação aos seus antepassados da Casa de Bragança. Desde o

<sup>17</sup>FERNANDES, Daniel. 200 da Independência/ O Brasil através dos diários de Maria Graham. Biblioteca Nacional Digital. Rio de Janeiro. 04 de abril de 2021. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/200-da-independencia-o-brasil-atraves-dos-diarios-de-maria-graham/>  
Acesso em 28 de junho de 2024.

desaparecimento de D. Sebastião, em 1578, na batalha de Alcácer-Quibir, nenhum rei de Portugal fora coroado. Mesmo D. João VI, no Brasil, fora apenas aclamado. As imagens seguintes são representações dos dois momentos de sagração de Pedro I, na visão do artista francês Debret. Repare nas diferenças entre a forma de organização do cerimonial. A primeira imagem mostra um D. Pedro acompanhado por uma multidão (decerto, em número exagerado) que o apoia. Era a política das ruas, com participação popular, dentro da nova significação conferida ao poder político pelo liberalismo. A segunda lembra em muito os velhos cerimoniais de Antigo Regime, feitos de modo quase privado, quase sem apelo à população (2011, 98)

Figura 15: Gravura de Jean-Baptiste Debret: “Aclamação de Dom Pedro I” (1839)



Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira

Nessa gravura podemos ver Dom Pedro ao lado de diversas pessoas sendo aclamado pelo povo como o primeiro imperador do Brasil. Uma dessas pessoas é Leopoldina, imperatriz do Brasil, esposa de Dom Pedro, que não teve seu nome mencionado na descrição da gravura e nem no parágrafo referente à Aclamação, mesmo tendo estado presente nesse momento importante.

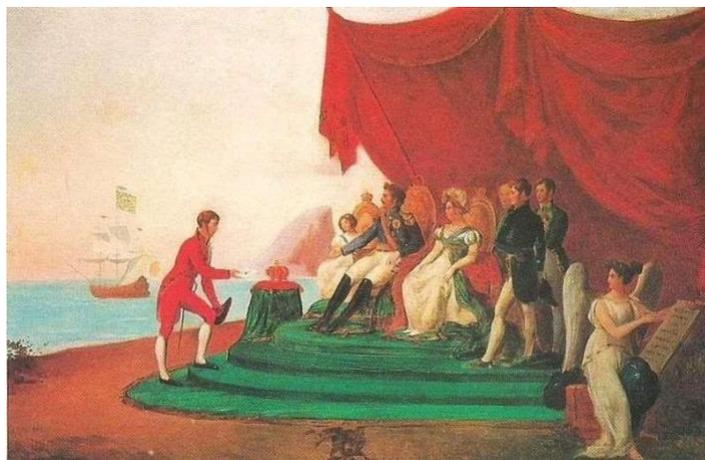
Em sequência, Alfredo Boulos Júnior nos traz à temática das lutas pela independência, ocorridas em diferentes localidades do território brasileiro. O autor cita como exemplos a Batalha de Pirajá na Bahia e Batalha do Jenipapo no Piauí. Sobre a Bahia, ele começa destacando que na época, a independência não foi aceita em todo país. Em várias províncias brasileiras o povo pegou em armas para combater os militares fiéis a Portugal. Na Bahia, batalhões populares vindos do interior da província cercaram as tropas portuguesas que estavam em Salvador. Sem alimentos, os soldados portugueses comandados pelo coronel Madeira de Melo tentaram furar o cerco, mas foram derrotados no que ficou conhecido como Batalha de Pirajá. Depois disso, ainda de acordo com o autor, navios ingleses a serviço do imperador, bloquearam Salvador e forçaram as tropas portuguesas a deixarem o Brasil em 02 de julho de 1823. Por esse motivo, na Bahia, comemora-se a data como a festa da independência. Sobre o Piauí, o autor destaca que a guerra pela independência teve início quando a Câmara de Parnaíba

se declarou favorável a independência. Nesse momento, o general português Cunha Fidié e suas tropas partiram de Oeiras a fim de sufocar o movimento. Cearenses, maranhenses e baianos, armados de facas, machado e espingarda, se juntaram aos piauienses e lutaram durante mais de cinco horas para impedir a passagem das tropas do general português. A batalha se deu na cidade de Campo Maior e recebeu o nome de Batalha do Jenipapo (2022, 163-164).

Com relação a participação das mulheres nas lutas pela independência – principalmente na Bahia – não é possível encontrar os nomes de Urânia Vanério, Maria Felipa e Maria Quitéria de Jesus. A referência a participação feminina, de modo geral, aparece apenas no último parágrafo sobre a Batalha do Jenipapo (PI): “Mulheres trocaram suas joias por armas e também se engajaram na guerra pela independência” (Boulos 2022, 164).

Outra questão tratada no capítulo 9 refere-se ao reconhecimento da recém proclamada independência do Brasil por outras nações. O autor destaca que os Estados Unidos da América foi o primeiro país a reconhecer a nossa independência em 1824, Portugal em 1825 – após pagamento de 2 milhões de libras esterlinas – e Inglaterra em 1827. Em troca do reconhecimento, a Inglaterra exigiu que o Brasil extinguisse o tráfico de africanos escravizados em até três anos, o que só ocorreu em 07 de novembro de 1831. Na mesma página, há uma pintura com a seguinte legenda: “Reconhecimento do Império do Brasil e de sua independência, de Léon Tirode, século XIX. A cena retrata o momento em que o embaixador inglês Charles Stuart entrega suas credenciais a Dom Pedro I, que aparece sentado ao lado da esposa” (Boulos 2022, 165). Algo que me chamou a atenção foi a descrição da pintura posta no livro didático. É interessante como o embaixador inglês tem seu nome e sobrenome informado pelo autor, mas a imperatriz não. Ela é apenas a esposa do imperador.

Figura 16: Reconhecimento do Império do Brasil, León Tirode – 1823.



Fonte: Pinterest

A Constituição de 1824 também é pauta do capítulo 9 do referido livro didático de História. A primeira Assembleia Constituinte foi formada em maio de 1823, composta por deputados de diferentes províncias do Brasil. No entanto, o projeto elaborado pelos deputados limitava os poderes de Dom Pedro I, o que não agradou o imperador que, em resposta, mandou fechar a Assembleia e prender os deputados lá reunidos. Entre eles estavam José Bonifácio e seu irmão Antônio Carlos, que foram presos e expulsos do Brasil. Em seguida, Dom Pedro I decide nomear “dez pessoas de sua confiança” – o Conselho de Estado – e encarregou-as de escrever uma constituição no prazo de 40 dias”. Aprovada em pelo imperador em 25 de março de 1824, nossa primeira Constituição instituía a monarquia hereditária e estabelecia quatro pilares de poder no Brasil: 1) Executivo - exercido pelo imperador e os ministros, com a função de administrar o país; 2) Legislativo - exercido pelos deputados e senadores, com a função de elaborar, debater e aprovar leis; 3) Judiciário - exercido por tribunais e juizes, com a função de exercer as leis; 4) Moderador - exercido apenas pelo imperador, que tinha plenos poderes para intervir em todos os outros poderes. Ambas as decisões impulsivas e autoritárias, conforme coloca o autor Alfredo Boulos Júnior, deixou os brasileiros muito insatisfeitos (Boulos 2022, 166-167).

O capítulo 9 ainda apresenta revoltas que surgiram em resposta ao autoritarismo de Dom Pedro I, como, por exemplo, a Guerra da Cisplatina (1825-1828) – que separou a Cisplatina (atual Uruguai) do Brasil – e a Confederação do Equador (1824). Este último foi um movimento político que teve como pontapé inicial uma crise econômico-financeira que afetava todo o Nordeste brasileiro por conta da queda nos preços externos do açúcar, do fumo e do algodão, além dos altos impostos e os consecutivos aumentos nos valores dos alimentos e aluguéis. A opressão do imperador ao demitir o presidente da província de Pernambuco foi a gota d’água para que o movimento revolucionário eclodisse. Os pernambucanos romperam com o Império e proclamaram uma república em 2 de julho de 1824, formando uma Junta Governativa, que recebeu o apoio de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, recebendo o nome de Confederação do Equador. O autor aponta que diversos grupos sociais, como proprietários de terras, comerciantes, homens e mulheres livres e pobres, além de escravizados, participaram ativamente da Confederação do Equador. Os republicanos resistiram por quase dois meses aos esforços do império em conter a revolta, mas acabaram perdendo a batalha. O movimento que já estava enfraquecendo pela divisão entre abolicionistas e escravistas na liderança, não conseguiu mais resistir às poderosas forças militares, enviadas por Dom Pedro I com auxílio

inglês. Líderes do movimento republicano, como, por exemplo, Frei Caneca – mencionado algumas vezes neste tópico do capítulo – foram condenados à morte (Boulos 2022 168).

Por fim, o autor relata que, conforme o tempo passava, a popularidade que Dom Pedro I tinha no início de seu governo só diminuía. De acordo com Boulos Júnior, o imperador se mostrava incapaz de resolver a crise econômico-financeira que atingia o Brasil com altas inflações. Como consequência o Banco do Brasil, fundado no período joanino (1808-1822), faliu. Dom Pedro I renunciou o trono português deixado por Dom João VI após sua morte, em 1826, para que sua filha Dona Maria da Glória se tornasse rainha de Portugal. No entanto, o trono foi usurpado da princesa por seu tio, Dom Miguel que se autodeclarou rei de Portugal, gerando assim uma grande disputa entre os irmãos pela coroa portuguesa. Concluindo o capítulo, temos a abdicação de Dom Pedro I, em 7 de abril de 1831, ocorrida pela pressão popular e por conta das inúmeras críticas e protestos que o imperador vinha recebendo em todas as províncias. Assim, Dom Pedro I renuncia o trono, mas, para garantir a continuidade da monarquia no Brasil, deixou seu filho Pedro de Alcântara, que tinha apenas 5 anos de idade, como príncipe regente do Brasil (2024, 169).

Eu contei toda essa história, desde a Constituição de 1824 até a abdicação de Dom Pedro I em 1831, para trazer o nome de uma outra mulher que é citado no livro: Maria da Glória (1819-1853), filha de Dom Pedro I e Maria Leopoldina. Maria da Glória foi rainha de Portugal duas vezes. Seu reinado teve início em 2 de maio de 1826, quando ainda era uma criança, por conta de seu pai ter abdicado da Coroa portuguesa em seu favor. No entanto, foi interrompido em 1828, quando foi deposta pelo seu tio Dom Miguel. Ela só retornou ao trono em 1834 e ficou até sua morte em 1853<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> NASCIMENTO de Dona Maria II. Arquivo Nacional **Torre do Tombo**. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/nascimento-de-d-maria-ii/> Acesso em 18 de junho de 2024.

Figura 17 – Princesa Maria da Glória



Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Podemos observar que, em ambos os capítulos do livro didático, os personagens históricos mencionados são em sua maioria homens brancos europeus. Nos dois capítulos, cerca de 28 homens foram mencionados, enquanto as mulheres mencionadas foram apenas três: 1) Maria I; 2) Maria II (Maria da Glória); 2) Maria Graham. Mesmo assim, aparecem de forma muito superficial. Como vimos, o autor menciona “algumas vezes” que mulheres participaram das lutas pela independência, mas não menciona o nome de nenhuma delas (Boulos 2022, 164). No entanto, nomes masculinos aparecem aos montes e muito bem especificados: nome, sobrenome, ocupação, feitos e até mesmo nacionalidade. Leopoldina aparece em duas imagens inseridas pelo autor no capítulo 9, sendo apenas apontada na descrição da pintura do Reconhecimento do Império do Brasil, de Léon Tirode, como “a esposa” e ignorada na outra. Conclui-se, portanto, que não há registros escritos pelo autor Alfredo Boulos Júnior nos capítulos 8 e 9 do livro didático “História, sociedade e cidadania” (2022) sobre as mulheres da independência. É como se, nessa história contada pelo livro didático, elas nunca tivessem existido. Pensando na possibilidade de inclui-las em sala de aula, montei um plano de aula para turmas do 8 ano do Ensino Fundamental que será apresentado no próximo capítulo.

Tabela 01 – Homens citados nos capítulos 8/9 de “História, Sociedade e Cidadania” (2022)

Número	Nome	Ocupação	Nacionalidade	Página
01	Napoleão Bonaparte	Imperador	Francês	142
02	Dom João VI	Rei de Portugal	Português	142; 143; 144; 145

03	Nicolas Antoine Taunay	Pintor	Francês	145
04	Jean-Baptiste Debret	Pintor	Francês	145
05	Domingos José Martins	Comerciante	-	148; 149
06	João Ribeiro	Padre	-	148
07	Domingos Teotônio Jorge	Capitão	-	148
08	José Luís de Mendonça	Advogado	-	148
09	Manoel Correa de Araújo	Senhor de engenho	-	148
10	Miguel Joaquim de Castro	Carmelita	-	149
11	José da Silva Lisboa	-	-	150
12	Joaquim Gonçalves Ledo	Comerciante	Brasileiro (fluminense)	150
13	José Clemente Pereira	-	Português	150
14	Dom Pedro I	Príncipe de Portugal/ Imperados do Brasil	Português	150; 151; 162; 163; 164; 166; 167; 168; 170; 171; 172
15	José Bonifácio de Andrada e Silva	Deputado	-	151-166
16	Madeira Melo	Coronel	Português	163
17	Cunha Fidié	General	Português	164
18	José Pereira Filgueiras	-	Brasileiro (sertanejo)	164
19	James Monroe	Presidente dos Estados Unidos da América	Estadunidense	165
20	Antônio Carlo	Deputador	-	166
21	Cipriano Barata	Dono do jornal “Sentinela da Liberdade”	-	168
22	Frei Joaquim do Amor Divino Caneca	Frei- Um dos líderes da Confederação do Equador	-	168;169
23	Lázaro de Souza	Um dos líderes da Confederação do Equador	-	169

24	Thomas Cochrane	Almirante Britânico	-	169
25	Francisco Lima Silva	Brigadeiro	-	169
26	Dom Miguel	Rei de Portugal	Português	172
27	Líbero Badaró	Jornalista	-	172
28	Pedro de Alcântara	Príncipe Regente do Brasil	-	172

### **CAPÍTULO 3 – DESCORTINANDO AS MULHERES DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

Como vimos no capítulo anterior, não há referência a participação feminina no processo de independência do Brasil presente no livro didático de Boulos (2022). Nenhuma das sete mulheres da independência de Heloisa Starling e Antônia Pellegrino (2022) teve seu nome mencionado. Mais uma vez, essas mulheres foram encobertas pelas sombras dos homens, aqueles para quem a história teria sido feita. De acordo com a historiadora Priscila Cabral de Sousa:

Pode-se afirmar que esse apagamento da mulher ocorre em duas situações. Primeiramente, no campo epistemológico da constituição do saber histórico presente na historiografia e nas epistemologias feministas e que influenciam a narrativa do livro didático. A segunda está presente na atuação docente que pode estar contribuindo para esse ocultamento feminino. Em ambas as situações, considera-se a narrativa como elemento central através do qual é possível contribuir para um aprendizado plural que coloque homens e mulheres em um patamar de importância equitativo e não hierárquico (2019,08).

Pensando nisso e partindo do problema proposto por esta pesquisa – sobre como trabalhar uma história da independência do Brasil a partir do protagonismo feminino nas escolas de ensino básico - trago uma proposta didática a fim de incluir as mulheres da independência nas aulas de História utilizando a ludicidade como uma aliada nesse processo de ensino-aprendizagem sem deixar de lado o livro didático.

De acordo com Alves e Santos (2013), há muitos benefícios em utilizar o lúdico como ferramenta pedagógica para auxiliar na aprendizagem dos alunos. Pensando nisso, procurei produzir um plano de aula com atividades que trouxessem as sete mulheres da independência para dentro da sala de aula, aproximando os alunos dessas histórias. Dessa forma:

[...] busca-se através da utilização do lúdico como recurso pedagógico no ensino de história, a construção de conhecimentos tanto os do âmbito escolar, quanto os de cunho social e cultural para aperfeiçoar as práticas pedagógicas dos professores no ensino de história, enfatizando as potencialidades deste recurso (Alves e Santos 2013, 08).

A ideia de produzir um plano de aula sobre as mulheres da independência para as turmas de 8º ano veio a partir de uma avaliação feita na disciplina de História do Brasil II (Império), ministrada em 2023.1 pela professora, Daniela Yabeta. Como eu já relatei anteriormente, eu estava no 7º semestre do curso de Licenciatura em História e a avaliação da disciplina era a elaboração e apresentação de um plano de aula para o Ensino Fundamental sobre o século XIX. Neste plano de aula deveríamos incluir uma música para ser analisada com os alunos que de

alguma forma dialogasse com a nossa proposta. Nesse mesmo período, eu estava iniciando o meu estágio de regência no Ensino Fundamental com o 7º ano. Como a disciplina de Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso era no próximo semestre (2023.2), eu já tinha em mente o que eu gostaria de pesquisar e em conversa com a professora Daniela, decidi fazer um plano de aula voltado para o 8º ano do Ensino Fundamental sobre as mulheres na independência do Brasil. Esse foi o primeiro plano de aula que eu fiz durante todo o curso. Os planos de aula utilizados como modelos a serem seguidos para a avaliação eram os da coluna “Chão de Escola”, do Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT)<sup>19</sup>.

Para essa pesquisa, dando continuidade ao que eu já havia iniciado, minha ideia foi recuperar o plano de aula, realizar alguns ajustes e apresentá-lo como proposta didática de inclusão do protagonismo feminino na independência na escola. Porém, após as novas experiências e conhecimentos adquiridos por meio dos estágios curriculares supervisionados e compreendendo um pouco melhor as preferências de atividades dos estudantes, montei um novo plano de aula.

A proposta didática se dá para as turmas de 8º ano do Ensino Fundamental, a partir da unidade temática “Os processos de independência nas Américas”, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dividida em três etapas e com duração de 8 períodos/aulas – podendo ser adaptado conforme a realidade de cada professor, turma e/ou escola – o plano de aula tem como principal objetivo fazer com que as histórias dessas mulheres cheguem até as aulas de História nas escolas de ensino básico, tornando-se objetos de estudo e conhecimento.

Na primeira etapa, busca-se utilizar como base estratégica a aula expositiva dialogada, “onde o foco está na exposição do conteúdo com a participação ativa dos estudantes e que se leva em consideração o conhecimento prévio deste aluno” (Muller, Gonçalves e Purificação 2019, 02). Optei por utilizar esse método por ter obtido resultados satisfatórios durante meus estágios de regência em História no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, nos quais acabei por conseguir a atenção e uma maior participação de grande parte dos estudantes com mais facilidade.

A partir dessa troca de conhecimento entre docente e discentes, entrando no tema sobre a independência do Brasil, se faz necessário uma breve explicação sobre a utópica perspectiva da independência pacífica e amigável entre Brasil e Portugal, difundida especialmente durante o século XIX, como aponta o historiador João Paulo Pimenta, em seu já mencionado livro “Independência do Brasil” (2022). Até hoje, muita gente ainda acredita nessa versão plácida da

---

<sup>19</sup> Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT). Coluna: Chão de Escola. Blog. Disponível em: <https://lehmt.org/category/chao-de-escola/> Acesso em 28 de junho de 2024.

história da independência. No entanto, muito disso se deve ao fato de que “as guerras da independência do Brasil foram condenadas a um certo esquecimento na história e na memória nacionais” (Pimenta 2022, 103). Sendo, normalmente, tratadas nos livros didáticos de maneira sucinta, por vezes, o que recebe maior destaque é a repressão e não a luta pelos direitos. Como exemplo, podemos citar o caso da Conjuração Mineira (1789), em que os conjurados são vistos como rebeldes e não como homens e mulheres lutando contra as desigualdades da sociedade (Valim 2022).

Para apresentar as mulheres da independência aos estudantes de forma breve nesta primeira etapa, escolhi um trecho da resenha do livro “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá”, de Heloisa Starling e Antonia Pellegrino (2022), escrita pela historiadora Keila Grinberg, na revista “Quatro cinco um”<sup>20</sup>. A escolha do trecho se deu pelo fato de o mesmo explicar de maneira geral quem eram as sete mulheres do livro acima mencionado, mas deixando espaço para a curiosidade de querer saber mais sobre a história dessas personagens. Finalizando esta etapa trago quatro questões sobre os conhecimentos dos estudantes sobre as figuras apresentadas e a presença destas no ambiente escolar, a fim de fazê-los pensar e problematizar o apagamento histórico feminino na independência do Brasil em seu material didático. Por fim, incentivá-los a tentar encontrar uma solução para esse problema.

O objetivo da segunda etapa do plano de aula é aproximar os alunos das histórias dessas personagens históricas através da pesquisa e análise de fontes, trabalhando em grupos. Durante o tempo em que realizei estágio de observação, pude perceber que os alunos gostam de trabalhar em grupo, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Visando uma aula mais prazerosa para os alunos, optei por uma atividade em grupo a partir de pesquisa e análise de fontes, pois, como aponta Paulo Freire: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (1996, p.32). Além do mais, “trabalhar com documentos e fontes históricas em sala de aula, além de enriquecer o ensino e a aprendizagem, também potencializa as análises, interpretações e o senso crítico dos alunos” (Godói 2020, 04).

Nesta atividade, cada grupo ficará responsável por pesquisar a biografia de sua respectiva personagem: Grupo 1: Hipólita; Grupo 2: Bárbara; Grupo 3: Urânia; Grupo 4: Maria Felipa; Grupo 5: Maria Quitéria; Grupo 6: Maria Leopoldina; Grupo 7: Ana Lins. Separados os

---

<sup>20</sup>GRINBERG, Keila. As sete mulheres – Livro combate o silenciamento histórico de figuras femininas que tiveram protagonismo na luta pela Independência. Quatro cinco um: a revista dos livros, n. 61, 2022. Disponível em: < <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/historia/as-sete-mulheres> >. Acesso em: 20 jun. 2024.

grupos, partiremos para a análise das respectivas fontes sobre as sete mulheres nos respectivos grupos: Grupo 01 – Hipólita Jacinta Teixeira de Melo: a) Bilhete enviado para os líderes da Conjuração Mineira (1789)<sup>21</sup>/ b) Retrato de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo<sup>22</sup>; Grupo 02 – Bárbara de Alencar: a) Fotografias da cela onde Bárbara Alencar ficou presa<sup>23</sup>/ b) Placa do Comando da 10ª Região Militar de Fortaleza em homenagem a Bárbara Alencar<sup>24</sup>; Grupo 03 – Urânia Vanério: a) Imagem panfleto escrito por Urânia Vanério<sup>25</sup>/ b) Trecho de seus lamentos em forma de versos (Valim 2022, 93); Grupo 04 – Maria Felipa de Oliveira: a) Trecho Trabalho de Conclusão de Curso de Lívia Prata Silva sobre Maria Felipe exaltando sua coragem e espírito de liderança (Silva 2018, 33-34)/ b) Imagem Maria Felipa de Oliveira (retrato falado)<sup>26</sup>; Grupo 5 – Maria Quitéria de Jesus: a) Imagem documento que nomeava Maria Quitéria Cavaleiro Imperial da Ordem do Cruzeiro<sup>27</sup>/ b) Retrato de Maria Quitéria<sup>28</sup>; Grupo 06 – Maria Leopoldina: a) Pintura de Georgina de Albuquerque de 1922 denominada “Sessão do Conselho de Estado”<sup>29</sup>/ b) Decreto de 13 de agosto de 1822 que faz de Leopoldina a regente do Brasil durante a ausência

<sup>21</sup> CÂMARA Legislativa. **Projeto de Lei nº 2285/2023-A, de 2023** (Do Sr. Jonas Donizette). Inscreve o nome de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria; tendo parecer da Comissão de Cultura pela aprovação (relatora Deputada Lídice da Mata). Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2331914](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2331914) Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>22</sup> CHAVES, Carolina. A independência do Brasil vista sob nova perspectiva de gênero. **Colab**. Belo Horizonte, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/a-independencia-do-brasil-vista-sob-nova-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>23</sup> NUNES, Dimalice. Conheça Bárbara Pereira de Alencar, a primeira revolucionária do Brasil. **Aventuras da História**. 04 de abril de 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/barbara-pereira-de-alencar-primeira-revolucionaria-do-brasil.phtml> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>24</sup> BRANDÃO, José Carlos. O cárcere de Barbara Alencar. **Poesia & Crônica**. 01 de maio de 2009. Disponível em: <https://poesiacronica.blogspot.com/2009/05/o-carcere-de-barbara-de-alencar-eu-vi-o.html> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>25</sup> BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. **Jornal Correio**. Salvador, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em: 29 de junho de 2024.

<sup>26</sup> SANTANA, Fernanda. A história de como Maria Felipa ganhou um rosto. **Jornal Correio**. Salvador, 01 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>27</sup> MARIA Quitéria recebe a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. **Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites\\_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quitiera-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quitiera-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro) Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>28</sup> MARIA Quitéria. Heroína Feirense. Heroína do Brasil. Símbolo da Liberdade. **Feira Hoje**. Feira de Santana (BA), 23 de setembro de 2015. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/maria-quitiera/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>29</sup> ALBUQUERQUE, Georgina. Sessão do Conselho de Estado. **Wikiart**. 31 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/georgina-de-albuquerque/sessao-do-conselho-de-estado> Acesso em: 30 de junho de 2024.

de Dom Pedro I<sup>30</sup>/ c) Descrição da carta que Leopoldina enviou para o marido pedindo que ele proclamasse a independência do Brasil<sup>31</sup>; Grupo 07 – Ana Lins: a) Retrato de Ana Lins<sup>32</sup>/ b) Poema que destaca a força e os feitos da dama de ferro da nobreza açucareira<sup>33</sup>.

Essas fontes foram escolhidas por mostrarem um pouco de quem eram as mulheres da independência. É interessante como uma simples imagem pode dizer muita coisa. O meu objetivo em colocar tais fontes para que os estudantes analisassem junto às suas pesquisas, está em dar autonomia aos mesmos para que eles possam ter suas próprias impressões e tirar suas conclusões e, assim, desenvolver e/ou aperfeiçoar seu senso crítico.

Dando sequência à atividade dessa segunda etapa, os sete grupos deverão colocar em prática todo o conhecimento adquirido através da aula expositiva-dialogada e usarem toda a sua criatividade para elaborar um roteiro para uma peça de teatro. Nessa encenação a tarefa dos grupos é apresentar suas personagens históricas para os demais colegas de sala de aula. “Esta interdisciplinaridade entre história e teatro coloca dentro do processo de ensino-aprendizagem uma grande potencialidade metodológica para se analisar e desenvolver os conteúdos programáticos de história” (Luna *et al.* 2019, p.1). O meu objetivo com esta atividade é efetivar uma maior interação entre os próprios alunos, além de fazer com que o aprendizado ocorra de forma leve, divertida e significativa. Afinal:

Uma aula lúdica desafia tanto aluno, quanto professor, transformando-os em sujeitos ativamente participativos do processo pedagógico que os envolve, influenciando não só na forma como o professor ensina, mas na maneira como o aluno concebe o que está sendo ministrado (Alves e Santos 2013, 06)

Portanto, de acordo com Pinheiro e Alcântara (2021), introduzir diferentes tipos de linguagens no ensino de história oferece maiores oportunidades para explorar diversas formas de aprendizagem, vivências e saberes prévios. Da mesma forma, contribui para uma educação

<sup>30</sup> CÂMARA dos Deputados. **Decreto de 13 de agosto de 1822**. Determina que, na ausência do Príncipe Regente, presida a Princesa Real ao despacho do expediente e às sessões do Conselho de Estado. Acesso em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-38972-13-agosto-1822-568340-publicacaooriginal-91701-pe.html> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>31</sup> IMPERATRIZ Leopoldina, Carta a Dom Pedro I (1822). **Instituto Monte Castelo**. Disponível em: <https://montecastelo.org/identidade-brasileira-2/identidade-brasileira/imperatriz-leopoldina-carta-a-dom-pedro-i-1822/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>32</sup> 7 DE SETEMBRO: Conheça mulheres que contribuíram para a Independência do Brasil. **Cruzando Histórias**. 07 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.cruzandohistorias.org/post/7-setembro-mulheres-independencia-brasil> Acesso em: 30 de junho de 2024.

<sup>33</sup> MOURA, Ernande Bezerra. Poesia de Ana Maria José Lins (Ana Lins). **Poesias de Poetas Miguelenses**. 10 de outubro de 2022. Disponível em: <https://cultura.saomigueldosc campos.al.gov.br/novidades/poesias-de-miguelenses/poesia-de-ana-maria-jose-lins-ana-lins> Acesso em: 30 de junho de 2024.

mais completa, interdisciplinar e contextualizada, tornando mais significativo o diálogo entre professores e alunos. As autoras ainda apontam que essa variedade permite aos estudantes analisarem criticamente o conteúdo, promovendo um aprendizado que vai além do componente curricular e que pode ser praticado ao longo da vida.

Por fim, na terceira e última etapa, a proposta final é consiste na produção de livros sobre cada uma das sete mulheres da independência. Através desta atividade pretende-se explorar a criatividade e as habilidades artísticas dos alunos, sejam elas para o desenho, pintura ou escrita. Para isso os alunos poderão utilizar papel sulfite branco para as páginas - podendo utilizar café para dar ao papel um efeito envelhecido – e papel sulfite colorido ou cartolinas coloridas - para as capas, imagens, desenhos, além de cola para ilustrar cada uma das histórias. Os grupos deverão produzir dois livros sobre suas personagens em formatos diferentes, podendo ser em forma de diário, poema, cordel ou história em quadrinhos, contando a história da personagem correspondente e utilizando as fontes disponibilizadas. O objetivo dessa atividade é a elaboração de um varal literário. Utilizando barbante e prendedores de roupa, os estudantes montarão um varal no pátio da escola, onde pendurarão os seus livros, que ficarão expostos para que os alunos de todas as turmas possam também conhecer as histórias dessas mulheres. Além da exibição no varal dos livros, também está prevista a realização de uma oficina de contação de história com o material produzido pelos alunos para as turmas das crianças (anos iniciais) do Ensino Fundamental. Esta é uma forma de descortinar essas personagens que foram ocultadas no livro didático e trazê-las para o âmbito escolar.

É importante que essa história da independência pela perspectiva feminina também chegue até as escolas a fim de que os estudantes saibam que eles também são sujeitos históricos, que todos nós fazemos parte da história. Para que as meninas tenham essa representatividade feminina histórica. Afinal, as mulheres também são atuantes na história. Uma “abordagem histórica pautada na história das Mulheres contribui significativamente para uma educação mais plural e equitativa”. Dessa forma, é papel do docente evitar reforçar essa condição submissa e secundária a qual a mulher é posta na historiografia tradicional, é preciso romper com essas hierarquias e desconstruir estereótipos (Sousa 2019, 13). Afinal:

Durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e, portanto, estiveram excluídas das narrativas dos historiadores. O panorama atual da historiografia brasileira parece ter mudado significativamente, demonstrando a presença desses novos sujeitos, adensando as discussões teóricas e sugerindo a inserção de novos conceitos bem como de outras abordagens (Wolff e Possas 2005, 585)

A história das mulheres é recente e vem sendo, de certa forma, negligenciada pelos livros didáticos. A historiografia feminina vem fazendo grandes avanços e isso é muito bom, mas é preciso que isso chegue até às escolas. Se o estudante não gostar da disciplina, não se interessar e não se identificar, ele dificilmente vai procurar saber a respeito. O livro didático, apesar de não ser o principal meio de informação dos alunos atualmente, é um material que transmite ideais e, portanto, possui relevância. Quando este invisibiliza a atuação das mulheres na história deixando-as de fora do acontecimento histórico, mesmo elas tendo estado presentes. Grande parte dos estudantes não se identificam como sujeitos históricos pelo fato de acreditarem que para isso é preciso ter grandes feitos e entrar para os livros de história, quando na verdade todos somos sujeitos históricos, pois todos somos importantes para a história.

É possível fazer com que os alunos gostem de história, fazer com que eles se identifiquem e aprendam com a disciplina. É possível haver aprendizado de maneira prazerosa, divertida e colaborativa entre professor e aluno, mas para isso é preciso sair da zona de conforto e se arriscar a planejar coisas novas. É compreensível que haja pouca disponibilidade para novos planejamentos, visto que a rotina do professor é exaustiva. Porém, temos acesso a toda essa tecnologia, que nos oferece inúmeras atividades e até mesmo planos de ensino prontos e disponíveis para serem adaptados à nossa necessidade, como é o caso da coluna Chão de Escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se apresentar a relevância de trabalhar a história das mulheres em sala de aula, além de evidenciar o protagonismo feminino na independência do Brasil, utilizando como base o livro de Heloisa Starling e Antonia Pellegrino, “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá” (2022).

Ao buscar uma resposta para a seguinte questão: as mulheres da independência estão na escola? Realizou-se uma análise dos capítulos 8 e 9 do livro de Alfredo Boulos da coleção “História, Sociedade e Cidadania” (2022) utilizado pelas turmas do 8º ano do Colégio Estadual Antonio Scussel, localizado no município de Getúlio Vargas – Rio Grande do Sul. A partir dessa análise, obtive o resultado de que nenhuma das mulheres da independência citadas por Heloísa Starling e Antônia Pellegrino teve seu nome mencionado em nenhum dos capítulos analisados no livro de Boulos. Leopoldina é a única das sete mulheres a aparecer em duas pinturas. Porém, em uma ela foi ignorada pelo autor na descrição da imagem e em outra ela é apenas mencionada como a esposa de Dom Pedro, mas sem ter seu nome citado.

Com base neste resultado, produzi um plano de aula como proposta de trabalhar uma história da Independência do Brasil a partir do protagonismo feminino. Levar as sete mulheres do livro de Heloisa Starling e Antônia Pellegrino para as salas de aula. O caminho escolhido foi o da ludicidade. Utilizando alguns conhecimentos adquiridos no decorrer dos estágios curriculares supervisionados, elaborei um plano de aula com atividades lúdicas que estimulassem os alunos a se envolverem com a temática. Pensando nas diferentes realidades das escolas, procurei trazer atividades de fácil acesso e que fossem prazerosas aos alunos.

Conclui-se, portanto, que é de suma importância que o professor compreenda a necessidade de evidenciar a relevância da atuação feminina na história. Precisamos quebrar com os estereótipos machistas que circundam a mulher. Precisamos trabalhar uma história equitativa em sala de aula. Na escola a mulher não deve ser vista como um personagem inferior ao homem na história, como se pressupõe nos livros didáticos, com seus baixíssimos números de referências femininas. Penso ser importante salientar o objetivo deste trabalho não é questionar ou analisar a eficiência do livro didático, mas sim mostrar que é possível trabalhar em diálogo com ele utilizando outros caminhos, destacando sempre a autonomia do aluno e lhe dando espaço para expor sua criatividade e habilidades.



## BIBLIOGRAFIA

ACIOLI, Socorro. Ana Lins, dama do açúcar e combatente republicana. *In*: STARLING, Heloisa M.; PELLEGRINO, Antonia (org.). **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, p. 180-195.

ALVES, Hilana de Oliveira; SANTOS, Maele dos. O lúdico e o ensino de História. *In*: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal - RN. **Anais [...]**. Natal – RN: ANPUH, 2013, p. 1-9. Disponível em: [https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1365644931\\_ARQUIVO\\_TrabalhoXXVII\\_ISNH-MaeledosSantosPereiraBarbosa-HilanadeOliveiraAlves.pdf](https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1365644931_ARQUIVO_TrabalhoXXVII_ISNH-MaeledosSantosPereiraBarbosa-HilanadeOliveiraAlves.pdf) Acesso em: 30 de junho de 2024.

ARAÚJO, Ariadne. **Bárbara de Alencar**. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros e materiais didáticos de história. *In*: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 293-321.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania – 8º ano (Ensino Fundamental – Anos Finais)**. São Paulo: FDT, 2022. Disponível em: [https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000080083p240100208040\\_cara](https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000080083p240100208040_cara) Acesso em: 30 de junho de 2024.

COELHO, Ronaldo Simões. **Hipólita: a mulher inconfidente**. Belo Horizonte: Armazém de ideias, 2000.

ESCOSTEGUY FILHO, João Carlos; SALLES, Ricardo. O primeiro reinado (1822-1831) – parte 1. *In*: ESCOSTEGUY FILHO, João Carlos; MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo. **História do Brasil II** v.1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/3384> Acesso em: 30 de junho de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, Roberto. **Bárbara de Alencar: a guerreira do Brasil**. Editora do Autor, 2001.

GODÓI, Bianca Rezende. Fontes históricas e suas aplicações em sala de aula: resgate da história e memória da Escola Estadual Professor Moraes. *In*: **XVIII Encontro de Pesquisa em Educação**. FAE - UFMG, 2020. Disponível em: <https://www.fae.ufmg.br/encontrodepesquisa/repositorio/fontes-historicas-e-suas-aplicacoes-em-sala-de-aula-resgate-da-historia-e-memoria-da-escola-estadual-professor-moraes-bianca-rezende-godoi/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

LUNA, Danithiele G. de; FORMIGA, Dayana O.; RIGO, Gabriel F. T.; BASSI, Mateus; SANTOS, Sergio H. M. O teatro como ferramenta de ensino de história. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, Campinas (SP), n. 27, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/35/o-teatro-como-ferramenta-didatica-para-o-ensino-de-historia-no-ensino-medio> Acesso em: 30 de junho de 2024

MATTOS, Ilmar Rohloff de; ALBUQUERQUE, Luís Affonso S. de. **Independência ou morte: a emancipação política do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Atual, 1991.

MONTENEGRO, João Alfredo de S. Bárbara de Alencar. **Revista do Instituto do Ceará**, v. 109, 1995, p. 139-152.

MULLER, Fabiano Hector Lira; GONÇALVES, Ronne Clayton de Castro; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. Aula expositiva dialogada e ensino por projetos como estratégias de ensino na disciplina educação ambiental. *In: VI Congresso Nacional de Educação*, Fortaleza (CE), 2019. **Anais** [...], Fortaleza (CE), 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD4\\_SA14\\_ID7244\\_05092019105601.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD4_SA14_ID7244_05092019105601.pdf) Acesso em: 30 de junho e 2024.

NASCIMENTO, Daniela Nunes do. Feminismos em sala de aula:relatos de experiências sobre o Projeto Mulheres na História na Escola SESI CANDEIAS/BA. *In: V Encontro Estadual de Ensino de História/ ANPUH-BA*, 2019, Eunápolis (BA). **Anais eletrônicos** [...]. Ilhéus (BA): Associação Nacional de História – Seção Bahia, 2019.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. A “guerra de penas”: os impressos políticos e a independência do Brasil. *Revista Tempo*, v. 8, p. 1-17, 1999. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg8-3.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg8-3.pdf) Acesso em: 30 de junho de 2024.

PELLEGRINO, Antônia. Bárbara de Alencar e as Raízes Brasileiras da Violência Política de Gênero 1760. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação nº 15. Dossiê: A Outra Independência*. Sesc São Paulo dezembro de 2022. Disponível em: [https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/Revista\\_CPFn15\\_v9\\_13\\_dez\\_2022.pdf](https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/Revista_CPFn15_v9_13_dez_2022.pdf) Acesso em: 30 de junho de 2024.

PELLEGRINO, Antonia. Barbara de Alencar, heroína do Crato. *In: STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia (org.). Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, p.61-82

PIMENTA, João Paulo. **Independência do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

PINHEIRO, Isabella Santos; ALCÂNTARA, Patrícia Costa de. O teatro como ferramenta didática para o ensino de História no Ensino Médio. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 35, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/35/o-teatro-como-ferramenta-didatica-para-o-ensino-de-historia-no-ensino-medio> Acesso em: 30 de junho de 2024.

PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

RAMBALDI, Amália Kelly; PROBST, Melissa. As mulheres representadas nos livros didáticos: História do Brasil. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 5, n.3, p. 123-134, jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/2743> Acesso em: 30 de junho de 2024

REZZUTTI, Paulo. **D. Leopoldina: a história não contada: a mulher que arquitetou a independência do Brasil**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

RODRIGUES, André Figueiredo. **Estudo econômico da conjuração mineira: análise dos sequestros de bens dos inconfidentes da comarca do Rio das Mortes**. 2008, Tese (Doutorado) – História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/81324/estudo-economico-da-conjuracao-mineira-analise-dos-sequestr> Acesso em: 30 de junho de 2024.

SILVA, Cidinha da. Maria Felipa de Oliveira, a mulher que veio do mar e ruminava fogo. In: PELLEGRINO, Antonia; STARLING, Heloisa. **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, p. 105-120.

SILVA, Gilvan Ventura. Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de história. **Dimensões**, n. 23, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2509> Acesso em: 30 de junho de 2024.

SILVA, Livia Prata da. **Maria Felipa - uma heroína baiana: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Visual Design, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2018. p.32-33. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11057> Acesso em: 30 de junho de 2024.

SOUSA, Priscila Cabral de. A história das mulheres no ensino de história: reflexões acerca de uma educação para a igualdade de gênero. In: 30º Simpósio Nacional de História, 2019, Recife (PE). **Anais [...]**. Recife (PE): ANPUH – Brasil, 2019, p. 1-17. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565273973\\_ARQUIVO\\_AHistoriadasMulheresnoEnsinodeHistoria-reflexoesacercadeumaeducacaoparaaigualdadedegenero.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565273973_ARQUIVO_AHistoriadasMulheresnoEnsinodeHistoria-reflexoesacercadeumaeducacaoparaaigualdadedegenero.pdf) Acesso em: 30 de junho de 2024.

STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia (org.). **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

STARLING, Heloisa. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, filha do país de Minas. In: PELLEGRINO, Antonia; STARLING, Heloisa (org.). **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, p. 19-59.

STARLING, Virgínia Siqueira. **A coroa que lhe cabe: Leopoldina e a aventura de fazer um Brasil**. In: PELLEGRINO, Antonia; STARLING, Heloisa (org.). **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres **Raído**, Dourados (MS), v. 10, n. 21, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217> Acesso em: 30 de junho de 2024.

TELLES, Marcela. Maria Quitéria: algo novo na frente da batalha. In: STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia (org.). **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p.123-142.

VALIM, Patricia. Lamentos e lutas de Urânia Vanério na independência do Brasil. In: STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia. **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**, 2022, p. 85-102.

WOLFF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Viana. Escrevendo a história no feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, set/dez 2005, p. 585-589. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/RLmnyZcyWDxxx8NNQrGJKPS/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

ZILBERLEIB, Branca. **A mulher como problema de pesquisa em História**: emergência de estudos sobre mulheres e gênero na historiografia brasileira recente (19732001). 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17052023-174704/pt-br.php> Acesso em: 30 de junho de 2024.



## FONTES



## Imagens:

Figura 01 – Hipólita Jacinta Teixeira de Melo. LIMA, Juliana Domingues. Além de Tiradentes: Quem foi a mulher que ordenou o levante armado em 1789. **Ecoa Uol**. São Paulo, 21 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/04/21/alem-de-tiradentes-quem-foi-a-mulher-que-ordenou-levante-armado-em-1789.htm> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 02 – Bárbara Alencar. MENA, Fernanda. Quem foi Barbara Pereira de Alencar, revolucionária e primeira presa política no Brasil. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 de junho de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/06/quem-foi-barbara-pereira-de-alencar-revolucionaria-e-primeira-presa-politica-do-brasil.shtml> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 03 – Panfleto “Lamento de uma baianinha”. BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. **Jornal Correio**. Salvador, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em: 29 de junho de 2024.

Figura 04 – Urânia Vanério - BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. **Jornal Correio**. Salvador, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em: 29 de junho de 2024.

Figura 05 – Monumento na Praça Cairu (atual Praça Maria Felipa) Salvador (BA). NOVAIS, Wendel. Reconhecimento material: Maria Felipa ganha monumento em Salvador. **Jornal Correio**. Salvador, 27 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/reconhecimento-material-maria-felipa-ganha-monumento-em-salvador-0723> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 06 – Monumento Maria Felipa. PREFEITURA de Salvador inaugura escultura em homenagem a Maria Felipa na Praça Cairu. **Bahia Notícias**. Salvador, 27 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/282651-prefeitura-de-salvador-inaugura-escultura-em-homenagem-maria-felipa-na-praca-cairu?t=1719774400264> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 07 – Escola Maria Felipa. FaceBook **Escola Maria Felipa**. Disponível em: <https://www.facebook.com/escolinhamariafelipa/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 08 – Maria Quitéria de Jesus Medeiros. MARIA Quitéria. Heroína Feirense. Heroína do Brasil. Símbolo da Liberdade. **Feira Hoje**. Feira de Santana (BA), 23 de setembro de 2015. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/maria-quitéria/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 09 – Maria Leopoldina. RETRATO de Dona Leopoldina de Habsburgo e seus filhos. **Wikidata**. Disponível em: <https://www.wikidata.org/wiki/Q42713734> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 10 – Ana Maria José Lins. MOURA, Eranande Bezerra. Biografia da heroína Ana Maria José Lins (Ana Lins). **Conecta Alagoas**. 25 de agosto de 2021. Disponível em: <https://conectaalagoas.com.br/noticia/1258/biografia-da-heroína-ana-maria-jose-lins--ana-lins> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 11 – Museu Paulista da USP – ROSA, Rodrigo. A atual condição do Museu Paulista da USP. **Alumni USP**. São Paulo. Disponível em: <https://www.alumni.usp.br/atual-condicao-museu-paulista-da-usp/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 12 – “Independência ou Morte” – (Pedro Américo 1888). INDEPENDÊNCIA ou Morte (Pedro Américo). **Wikipedia**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Independ%C3%Aancia\\_ou\\_Morte\\_\(Pedro\\_Am%C3%A9rico\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Independ%C3%Aancia_ou_Morte_(Pedro_Am%C3%A9rico)) Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 13 – Dona Maria I. FRAZÃO, Dilva. Maria I de Portugal. **ebiografia**. 11 de outubro de 2022. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/d\\_maria\\_i\\_de\\_portugal/](https://www.ebiografia.com/d_maria_i_de_portugal/) Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 14 – Maria Graham, Lady Callcott. MARIA Graham. **Wikipedia**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Graham](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Graham) Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 15 - Gravura de Jean-Baptiste Debret: “Aclamação de Dom Pedro I” (1839). ACLAMAÇÃO de D. Pedro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1198/aclamacao-de-d-pedro> Acesso em: 30 de junho de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Figura 16 - Reconhecimento do Império do Brasil, León Tirode – 1823. **Pinterest**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/437904763737306291/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

Figura 17 – Princesa Maria da Glória. NASCIMENTO de Dona Maria II. **Arquivo Nacional Torre do Tombo**. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/nascimento-de-d-maria-ii/> . Acesso em 18 de junho de 2024.



### Legislação:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> Acesso em: 30 de junho de 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho**. Porto Alegre: SEE, 2018. Disponível em: <https://h-curriculo.educacao.rs.gov.br/Sobre/Index> Acesso em: 30 de junho de 2024.

BRASIL. Lei nº 13.697, de 26 de julho de 2018. Inscreve os nomes de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, Sórora Joana Angélica de Jesus, Maria Felipa de Oliveira e João Francisco de Oliveira (João das Botas) no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 26 jul. 2018. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13697.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13697.htm) Acesso em: 30 de junho de 2024.

CÂMARA dos Deputados. **Decreto de 13 de agosto de 1822**. Determina que, na ausência do Príncipe Regente, presida a Princesa Real ao despacho do expediente e às sessões do Conselho de Estado. Acesso em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-38972-13-agosto-1822-568340-publicacaooriginal-91701-pe.html> Acesso em: 30 de junho de 2024.

CÂMARA Legislativa. **Projeto de Lei nº 2285/2023-A, de 2023** (Do Sr. Jonas Donizette). Inscreve o nome de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria; tendo parecer da Comissão de Cultura pela aprovação (relatora Deputada Lídice da Mata). Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2331914](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2331914) Acesso em: 30 de junho de 2024.



### Notícias:

7 DE SETEMBRO: Conheça mulheres que contribuíram para a Independência do Brasil. **Cruzando Histórias**. 07 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.cruzandohistorias.org/post/7-setembro-mulheres-independencia-brasil> Acesso em: 30 de junho de 2024.

BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. *Jornal Correio*. Salvador, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em: 29 de junho de 2024.

CHAVES, Carolina. A independência do Brasil vista sob nova perspectiva de gênero. **Colab**. Belo Horizonte, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/a-independencia-do-brasil-vista-sob-nova-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

MARIA Quitéria. Heroína Feirense. Heroína do Brasil. Símbolo da Liberdade. **Feira Hoje**. Feira de Santana (BA), 23 de setembro de 2015. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/maria-quiteria/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

MONUMENTO em homenagem a Maria Felipa, heroína da independência do Brasil na Bahia, é inaugurado em Salvador. *G1 BA*, jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/2-de-julho/noticia/2023/07/27/monumento-em-homenagem-a-maria-felipa-heroína-da-independencia-do-brasil-na-bahia-e-inaugurado-em-salvador.ghtml> Acesso em 28 de junho de 2024.

NUNES, Dimalice. Conheça Bárbara Pereira de Alencar, a primeira revolucionária do Brasil. **Aventuras da História**. 04 de abril de 2019. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/barbara-pereira-de-alencar-primeira-revolucionaria-do-brasil.phtml> Acesso em: 30 de junho de 2024.

PRAÇA Cairu, em Salvador, tem nome alterado e vira Praça Maria Felipa; entenda como são feitas as mudanças. G1 BA, mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/03/14/mudanca-de-nome-de-praca-em-salvador.ghtml> Acesso em: 28 de junho de 2024.

SANTANA, Fernanda. A história de como Maria Felipa ganhou um rosto. **Jornal Correio**. Salvador, 01 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723> Acesso em: 30 de junho de 2024.

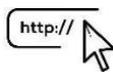
SEMINÁRIO com curadoria da historiadora Heloisa Starling propõe reflexões sobre a independência brasileira para além das margens do Ipiranga. Centro de Pesquisa e Formação. Sesc São Paulo. Disponível em: <https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/diversos-22-a-outra-independencia> Acesso em: 30 de junho de 2024.

SANCHEZ, Giovana Romano. Mulheres são menos de 10% dos personagens em livro de história usado em escolas públicas. **Gênero e Número**. 5 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/no-rodape-da-historia-mulheres-sao-menos-de-10-de-personagens-em-livro-didatico-usado-nas-escolas-publicas/> Acesso em: 29 de junho de 2024.



#### Podcast:

**MULHERES na Independência**. [Locução de]: Antonia Pellegrino e Heloisa Starling. Globoplay, set. 2022. Podcast (Documentário). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/mulheres-na-independencia/2257b9a3-b56b-4583-9fe0-f98168156da4/> Acesso em: 30 de junho de 2024.



#### Sites:

ALBUQUERQUE, Georgina. Sessão do Conselho de Estado. **Wikiart**. 31 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/georgina-de-albuquerque/sessao-do-conselho-de-estado> Acesso em: 30 de junho de 2024.

ALFREDO Boulos Júnior - Disponível em: <https://boulos.ftd.com.br/> Acesso em 25 de junho de 2024.

BRANDÃO, José Carlos. O cárcere de Barbara Alencar. **Poesia & Crônica**. 01 de maio de 2009. Disponível em: <https://poesiacronica.blogspot.com/2009/05/o-carcere-de-barbara-de-alencar-eu-vi-o.html> Acesso em: 30 de junho de 2024.

BRASIL. **Tribunal Superior Eleitoral Mulheres**. Disponível em: <https://www.justicaeleitoral.jus.br/tse-mulheres/#estatisticas> Acesso em: 29 de junho de 2024.

ESCOLA Maria Felipa. Disponível em: <https://escolamariafelipa.com.br/> Acesso em 28 de junho de 2024.

FERNANDES, Daniel. 200 da independência: o Brasil através dos diários de Maria Graham. **Biblioteca Nacional Digital**. Rio de Janeiro, 04 de abril 2021. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/200-da-independencia-o-brasil-atraves-dos-diarios-de-maria-graham/> Acesso em: 29 de junho de 2024.

GRINBERG, Keila. As sete mulheres – Livro combate o silenciamento histórico de figuras femininas que tiveram protagonismo na luta pela Independência. **Quatro cinco um: a revista dos livros**. 26 de agosto de 2022. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/historia/as-sete-mulheres> Acesso em: 29 de junho de 2024.

IMPERATRIZ Leopoldina, Carta a Dom Pedro I (1822). **Instituto Monte Castelo**. Disponível em: <https://montecastelo.org/identidade-brasileira-2/identidade-brasileira/imperatriz-leopoldina-carta-a-dom-pedro-i-1822/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

LEHMT - Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho. Coluna: Chão de Escola. Disponível em: <https://lehmt.org/category/chao-de-escola/> Acesso em 28 de junho de 2024.

MARIA Quitéria recebe a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. **Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites\\_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quiteria-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quiteria-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro) Acesso em: 30 de junho de 2024.

MOURA, Ernande Bezerra. Poesia de Ana Maria José Lins (Ana Lins). **Poesias de Poetas Miguelenses**. 10 de outubro de 2022. Disponível em: <https://cultura.saomigueldoscampos.al.gov.br/novidades/poesias-de-miguelenses/poesia-de-ana-maria-jose-lins-ana-lins> Acesso em: 30 de junho de 2024.

NASCIMENTO de Dona Maria II. **Arquivo Nacional Torre do Tombo**. Disponível em: <<https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/nascimento-de-d-maria-ii/>>. Acesso em 18 de junho de 2024.

PNLD. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/programa-nacional-do-livro-e-do-material-didatico/programa-nacional-do-livro-e-do-material-didatico-pnld>>. Acesso em: 18 jun. 2024.



**YouTube:**

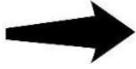
CARNAVAL Alegre RS. **Imperatriz Dona Leopoldina - Samba Enredo 2022**. YouTube, 2 fev. 2022. 1 vídeo: 5 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AxnMY9dHtdE> Acesso em: 29 de junho de 2024.

STARLING, Heloisa. MULHERES esquecidas da independência do Brasil. Festival de História (fHist). YouTube, 19 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=roUSNChDtVk> Acesso em: 30 de junho de 2024.



## ANEXO A – PLANO DE AULA

 <p><b>Plano de Aula – Protagonismo feminino na independência do Brasil</b></p>
 <p><b>Disciplina:</b> História</p>
 <p><b>Segmento:</b> Ensino Fundamental Anos Finais – 8º ano</p>
 <p><b>Unidade temática:</b> Os processos de independência nas Américas</p>
 <p><b>Objetivos gerais:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Repensar o processo de independência no Brasil;</li> <li>2) Questionar o apagamento e silenciamento histórico feminino na História do Brasil do século XIX;</li> <li>3) Reconhecer a presença de uma forte cultura patriarcal em nossa sociedade e sua relação com a desigualdade de gênero e o silenciamento histórico feminino com base no estudo do Brasil império;</li> <li>4) Compreender que todos somos sujeitos históricos</li> </ol>
 <p><b>Habilidades a serem desenvolvidas (de acordo com a BNCC):</b></p> <p>(EF08HI11) Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti.</p>
 <p><b>Duração da atividade:</b> 8 aulas/períodos</p> <p>Etapa 1: 1 aula          Etapa 2: 4 aulas (2 aulas para a realização da pesquisa e organização dos grupos para o roteiro + 2 aulas para apresentação)          Etapa 3: 3 aulas</p>
 <p><b>Conhecimentos prévios:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Período do Brasil Colônia;</li> <li>2) Chegada da Corte portuguesa ao Brasil;</li> <li>3) Independência do Brasil</li> </ol>
 <p><b>Atividades</b></p>
 <p><b>Recursos:</b></p> <p>Computador/Notebook com acesso à internet; impressora; cópias impressas; folhas sulfite brancas; folhas sulfite coloridas ou cartolinas coloridas; barbante; prendedores de roupa; café; pincel; cola</p>



## Etapa 01: A independência do Brasil por outra perspectiva

Ao docente:

*Para realizar essa atividade é necessário que já se tenha trabalhado o processo de Independência do Brasil. Caso o assunto seja estranho aos alunos eles não entenderão a dinâmica.*

A primeira etapa inicia-se com uma aula dialogada, questionando aos alunos sobre quais são as figuras históricas que lhes vêm à mente quando se fala de independência do Brasil. O objetivo aqui é identificar os conhecimentos prévios da turma. Após ouvir as respostas dos estudantes, dá-se início a uma aula expositiva dialogada em que é preciso explicar-lhes que o processo de independência do Brasil foi repleto de conflitos violentos, apesar da versão utópica de uma independência pacífica, amigável difundida pelo século XIX, condenando as guerras da independência a um certo esquecimento (PIMENTA, 2022). Durante esse processo de lutas pela independência houve uma ativa participação de mulheres que, de diferentes lugares e utilizando as “armas” que tinham, lutaram pela independência. Por fim, através de um trecho da resenha do livro “Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá”, de Heloisa Starling e Antonia Pellegrino (2022), escrita pela historiadora Keila Grinberg na revista “Quatro cinco um”, apresentaremos as 7 dessas mulheres a turma: 1) Hipólita Jacinta Teixeira de Melo; 2) Bárbara de Alencar; 3) Urânia Vanério; 4) Maria Felipa de Oliveira; 5) Maria Quitéria de Jesus; 6) Maria Leopoldina da Áustria; 7) Ana Maria José Lins.

Segue o trecho do texto de Keila Grinberg:

*[...] As sete mulheres participaram da vida pública brasileira em diversas regiões do território que, ao longo da primeira metade do século 19, viria a ser definido como “Império do Brasil”. Em Minas, Hipólita Teixeira de Melo participou da eclosão do movimento rebelde que gerou a Conjuração Mineira. Na Bahia, a marisqueira e pescadora Maria Felipa de Oliveira liderou um grupo de resistência contra os ataques portugueses a Itaparica; Maria Quitéria se vestiu com roupas masculinas para pegar em armas no Recôncavo; e Urânia Vanério denunciou a tirania da Coroa portuguesa em um panfleto político. No Crato, Bárbara de Alencar tornou-se a primeira presa política do futuro país, punida pelo envolvimento com a Revolução de 1817 – a mesma que, em Alagoas, motivou a senhora de engenho Ana Maria José Lins a se envolver nas disputas políticas da região. Por fim, no Rio de Janeiro, Leopoldina demonstrou não ter saído da Europa a passeio, recusando-se a se curvar sem protesto aos caprichos da família real portuguesa.*

*[...] O certo é que as mulheres que participaram desse processo o fizeram de maneiras diversas. As trajetórias escolhidas são um ótimo exemplo do quanto foi um período de intensa expansão das possibilidades de intervenção na cena pública, também explorado por homens escravizados e libertos, de origem africana ou indígena, que aproveitaram as demandas pelo fim do jugo português, como se falava à época, para alargar a definição do conceito de liberdade e defender a deles mesmos.*

*[...] a compreensão do passado é essencial para as lutas do presente. É fundamental conhecer as trajetórias dessas mulheres e entender por que as narrativas oficiais se dedicaram tão pouco a elas, para romper com a omissão sobre sua participação nesse e em outros momentos da vida pública brasileira.*



Onde encontrar: GRINBERG, Keila. As sete mulheres – Livro combate o silenciamento histórico de figuras femininas que tiveram protagonismo na luta pela Independência. **Quatro cinco um: a revista dos livros**, n. 61, 2022. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/historia/as-sete-mulheres/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

É preciso entregar uma cópia do texto de Keila Grinberg para os alunos e realizar uma leitura em grupo. Em seguida, pedir para que os estudantes respondam às seguintes questões:

- 1) Você já ouviu falar de alguma dessas sete mulheres ou conhece sua história? Qual (is)?
- 2) Alguma dessas personagens está presente em seu livro didático?
- 3) Por que você acha que a história dessas mulheres é tão pouco conhecida?

4) O que você acha que poderia ser feito para que todos pudessem conhecer a história dessas personagens históricas?



### Etapa 02: Conhecendo as mulheres da independência – Pesquisa

Nessa etapa os alunos conhecerão um pouco mais da história das sete mulheres da independência. Para isso, é necessário que a turma seja dividida em 7 grupos:

Grupo 1: Hipólita Jacinta Teixeira de Melo

Grupo 2: Bárbara de Alencar

Grupo 3: Urânia Vanério

Grupo 4: Maria Felipa de Oliveira

Grupo 5: Maria Quitéria de Jesus

Grupo 6: Maria Leopoldina

Grupo 7: Ana Maria José Lins

Cada grupo deverá pesquisar a biografia de sua respectiva personagem a fim de conhecer melhor sua história. Em seguida, os grupos receberão as seguintes fontes:

#### Grupo 1: Hipólita Jacinta Teixeira de Melo



Fonte 1 – Bilhete escrito por Hipólita retirado do Projeto de Lei n. 2285/2023

*"Dou-vos parte, com certeza, de que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes, para que vos sirva ou se ponham em cautela; e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra."*



Onde encontrar: CÂMARA Legislativa. **Projeto de Lei nº 2285/2023-A, de 2023** (Do Sr. Jonas Donizette). Inscreveo nome de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria; tendo parecer da Comissão de Cultura pela aprovação (relatora Deputada Lídice da Mata). Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2331914](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2331914) Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 2 – Retrato de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo:



Onde encontrar: CHAVES, Carolina. A independência do Brasil vista sob nova perspectiva de gênero. **Colab**. Belo Horizonte, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/a-independencia-do-brasil-vista-sob-nova-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

## Grupo 2: Bárbara de Alencar



Fonte 1: Imagem da cela onde ficou presa Bárbara de Alencar



Onde encontrar: NUNES, Dimalice. Conheça Bárbara Pereira de Alencar, a primeira revolucionária do Brasil. **Aventuras da História**. 04 de abril de 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/barbara-pereira-de-alencar-primeira-revolucionaria-do-brasil.phtml> Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 2: Imagem da Placa sobre Bárbara de Alencar, em Fortaleza.

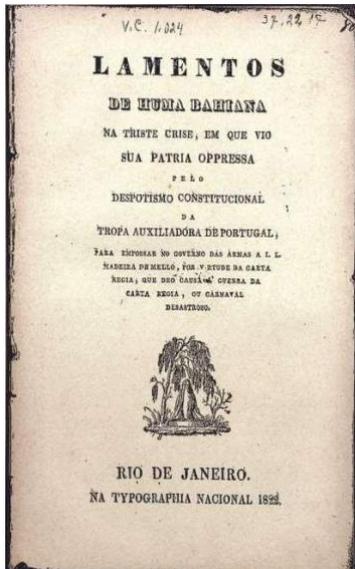


Onde encontrar: BRANDÃO, José Carlos. O cárcere de Barbara Alencar. **Poesia & Crônica**. 01 de maio de 2009. Disponível em: <https://poesiacronica.blogspot.com/2009/05/o-carcere-de-barbara-de-alencar-eu-vi-o.html> Acesso em: 30 de junho de 2024.

## Grupo 3: Urânia Vanério



Fonte 1: Panfleto “Lamentos de uma baiana”



Onde encontrar: BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. **Jornal Correio**. Salvador, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em: 29 de junho de 2024.



Fonte 2: Trecho de um panfleto de Urânia sobre a violência das tropas portuguesas e as prisões de civis:

*“Justos Céus, onde o Direito  
Pessoal, de propriedade  
Se entre nós impera  
A vil arbitrariedade [...]  
Justos Céus, onde o Direito  
De quem sem culpa formada  
Não seria as vis prisões  
Triste vítima arrastada?”*



Onde encontrar: VALIM, Patricia. Lamentos e lutas de Urânia Vanério na independência do Brasil. In: STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia. **Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá**, 2022, p. 93.

#### Grupo 4: Maria Felipa de Oliveira



Fonte 1: Trecho da pesquisadora Livia Prata sobre Maria Felipa:

*“Naqueles tempos de conflito, muitos barcos inimigos navegavam pelo Recôncavo. Para monitorar esses barcos, Maria Felipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Vedetas. A função delas era de sentinela: noite e dia patrulhavam as mantas, os manguezais, as praias e todos os caminhos da ilha, inclusive subindo em outeiros como o do Balaústre e o da Josefa, mais próximos aos campos de guerra. Levando tochas acesas feitas de palha de coco e chumbo, identificavam portugueses que desciam dos barcos à noite para saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também para lutar. Maria Felipa liderava este grupo e também se encarregava de repassar informações sobre a guerra para companheiros de luta em Salvador, a bordo de uma jangada”.*



Onde encontrar: SILVA, Livia Prata da. **Maria Felipa - uma heroína baiana**: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Visual Design, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2018. p.33-34. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11057> Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 2: Retrato falado de Maria Felipa de Oliveira

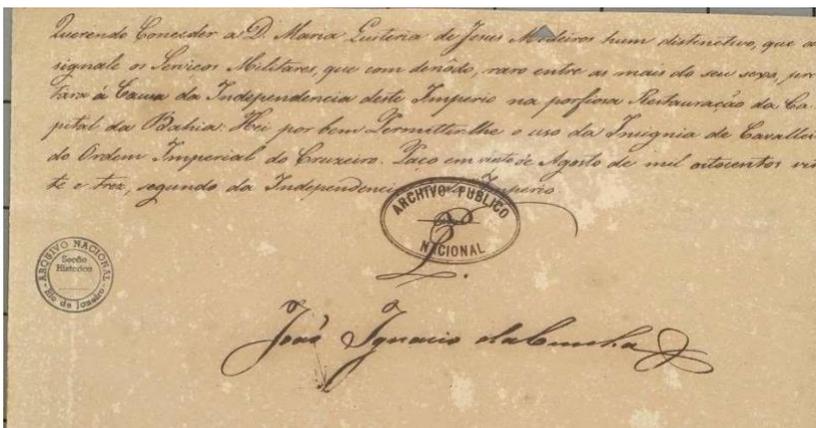


Onde encontrar: SANTANA, Fernanda. A história de como Maria Felipa ganhou um rosto. **Jornal Correio**. Salvador, 01 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723> Acesso em: 30 de junho de 2024.

### Grupo 5: Maria Quitéria de Jesus



Fonte 1: Documento que nomeia Maria Quitéria a Cavalheiro Imperial da Ordem do Cruzeiro:



Onde encontrar: MARIA Quitéria recebe a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. **Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites\\_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quitiera-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quitiera-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro) Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 2: Retrato de Maria Quitéria



Onde encontrar: MARIA Quitéria. Heroína Feirense. Heroína do Brasil. Símbolo da Liberdade. **Feira Hoje**. Feira de Santana (BA), 23 de setembro de 2015. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/maria-quiteria/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

### Grupo 6: Maria Leopoldina



Fonte 1: Sessão do Conselho de Estado, pintura de Georgina de Albuquerque (1922)



Onde encontrar: ALBUQUERQUE, Georgina. Sessão do Conselho de Estado. Wikiart. 31 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/georgina-de-albuquerque/sessao-do-conselho-de-estado> Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 2: Decreto de 13 de agosto de 1822 - Determina que, na ausência do Príncipe Regente, presida a Princesa Real ao despacho do expediente e às sessões do Conselho de Estado.

*“Tendo de ausentar-Me desta Capital por mais de uma semana, para ir visitar a Província de S. Paulo, e cumprindo, a bem dos seus habitantes e da segurança e tranquilidade individual e publica, que o Expediente ordinario dos Negocios não padeça com esa Minha Ausenciatemporaria: Hei por bem que os Meus Ministros e Secretarios de Estado continuem, nos dias prescriptos e dentro do Paço, como até agora, debaixo da Presidencia da Princeza Real do Reino Unido, Minha*

*Muito Amada e Prezada Esposa, no Despacho do Expediente ordinario das diversas Secretarias de Estado e Repartições Publicas, que será expedido em Meu Nome, como si presente fóra: E Hei por bem outrosim que o Meu Conselho de Estado possa igualmente continuar as suas Sessões nos dias determinados ou quando preciso fôr, debaixo da Presidencia da mesma Princesa Real, a Qual fica desde já autorizada para com os referidos Ministros e Secretarios de Estado Tomar logo todas as medidas necessarias e urgentes ao bem e salvação do Estado; e de tudo Me dará immediatamente parte para receber a Minha Approvação e Retificação, pois Espero que nada obrará que não seja conforme ás Leis existentes e aos solidos interesses do Estado. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiros o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1822. Com a rubrica de S.A.R. o Principe Regente. José Bonifacio de Andrada e Silva”*



Onde encontrar: CÂMARA dos Deputados. **Decreto de 13 de agosto de 1822**. Determina que, na ausência do Príncipe Regente, presida a Princesa Real ao despacho do expediente e às sessões do Conselho de Estado. Acesso em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret\\_sn/antioresa1824/decreto-38972-13-agosto-1822-568340-publicacaooriginal-91701-pe.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-38972-13-agosto-1822-568340-publicacaooriginal-91701-pe.html) Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 3: Carta de Leopoldina para Dom Pedro I:

*“Pedro, o Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. As Cortes portuguesas ordenaram a vossa partida imediatamente, ameaçam-vos e humilham-vos. O Conselho de Estado aconselha-vos a ficar. Meucoração de mulhereesposa prevê desgraças se partirmos agora para Lisboa. Sabemos bem o que têm sofrido nossos país. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mas são governados pelo despotismo das Cortes, que perseguem e humilham os soberanos a quem devem respeito”*

*“Chamberlain vos contará tudo o que sucede em Lisboa. O Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para monarca. Com o vosso apoio ele fará a separação. O pomo esta maduro. Colhei-o já, senão apodrece. Ainda é tempo de ouvirdes os conselhos do sábio que conheceu todas as cortes da Europa, que, além de vosso ministro fiel, é o maior de vossos amigos. Ouvi o conselho do vosso ministro, senão quiserdes ouvir o de vossa amiga. Já dissestes aqui o que ireis fazer em São Paulo. Fazei, pois. Tereis o apoio do Brasil inteiro e contra avontade do povo brasileiro os soldados portugueses nada podem fazer. Leopoldina”*



Onde encontrar: IMPERATRIZ Leopoldina, Carta a Dom Pedro I (1822). Instituto Monte Castelo. Disponível em: <https://montecastelo.org/identidade-brasileira-2/identidade-brasileira/imperatriz-leopoldina-carta-a-dom-pedro-i-1822/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

### Grupo 7: Ana Maria José Lins



Fonte 1: Retrato de Ana Lins





Onde encontrar: 7 DE SETEMBRO: Conheça mulheres que contribuíram para a Independência do Brasil. Cruzando Histórias. 07 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.cruzandohistorias.org/post/7-setembro-mulheres-independencia-brasil> Acesso em: 30 de junho de 2024.



Fonte 2: Poesia de Ernande Bezerra de Moura “Ana Maria José Lins (Ana Lins)”

*Ana Lins era Mestiça  
 Descendente de holandeses  
 Nasceu em Porto Calvo  
 Mas naturalizou-se miguелense.  
 Chegou aqui viúva  
 E casou-se logo em seguida  
 Com Manuel Vieira Dantas  
 Um verdadeiro estadista.  
 Mulher forte e valente  
 De uma fibra espantosa  
 Não tinha medo de nada  
 Morria por suas coisas...  
 Participou da revolução  
 Numa batalha infernal  
 Seu desejo era libertar  
 O Brasil de Portugal.  
 Reuniu vários amigos  
 Na guerra do Equador  
 Mas, porém foi derrotada  
 E aos rebeldes se entregou.  
 Vendo o Marido ser preso  
 Tão pouco se intimidou  
 Permaneceu ao lado do filho.  
 O futuro sonhador.  
 Assistiu toda miséria  
 Os seus canaviais incendiados  
 Ainda por cima os rebeldes  
 Queriam demolir a casa grande.  
 Com o passar do tempo foi presa  
 Justamente com o seu filho João  
 Mais logo em seguida foram soltos  
 Por ordem jurídica da nação.  
 Voltou para São Miguel dos Campos  
 E reconstruiu o seu engenho  
 Plantou cana, comprou gado  
 Realizou de novo o seu sonho.  
 Morreu; Mas até hoje,  
 Sua história, sua Vida  
 Seu ato de heroísmo  
 Permanece ainda vivos  
 No memorial da consciência.*



Onde encontrar: MOURA, Ernande Bezerra. Poesia de Ana Maria José Lins (Ana Lins). **Poesias de Poetas Miguелenses**. 10 de outubro de 2022. Disponível em: <https://cultura.saomigueldoscamos.al.gov.br/novidades/poesias-de-miguелenses/poesia-de-ana-maria-jose-lins-ana-lins> Acesso em: 30 de junho de 2024.

A partir da pesquisa sobre a biografia e as fontes recebida pelos grupos sobre suas respectivas personagens históricas, os alunos deverão apresentá-las aos demais colegas contando a sua história por meio de um teatro. Os grupos deverão utilizar seus conhecimentos e imaginação para escrever um roteiro e encenar a história de sua personagem para os colegas. Para a

apresentação os grupos devem se organizar durante a semana e trazer o roteiro para a apresentação da encenação prontos. Podendo utilizar outros espaços da escola para a encenação que não a sala de aula



### Etapa 03: Varal Literário

Nesta última etapa, a proposta é os alunos confeccionarem pequenos livros contando brevemente a história de suas personagens. Para isso, podem ser utilizadas folhas sulfite brancas para as páginas e folhas sulfite ou cartolinas coloridas para as capas. Os estudantes podem optar por escrever o livro em forma de diário, poema, cordel ou história em quadrinho, podendo utilizar imagens ou desenhos para a composição dos seus livros. Caso os estudantes optem por escrever o livro em forma de diário, podem utilizar café para deixar as páginas com um efeito de papel envelhecido. Cada grupo deverá produzir dois livrinhos, podendo utilizar duas formas diferentes das opções acima mencionadas. Os estudantes, utilizando barbante e prendedores de roupa, deverão fazer um varal no pátio da escola com os livros produzidos pelos alunos. Por fim, os alunos poderão realizar oficinas de contação de história de seus livros para os alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, para que, dessa forma, todos os estudantes da escola também possam conhecer a história das mulheres da independência do Brasil.



### Referências:

7 DE SETEMBRO: Conheça mulheres que contribuíram para a Independência do Brasil. Cruzando Histórias. 07 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.cruzandohistorias.org/post/7-setembro-mulheres-independencia-brasil> Acesso em: 30 de junho de 2024.

ALBUQUERQUE, Georgina. Sessão do Conselho de Estado. Wikiart. 31 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/georgina-de-albuquerque/sessao-do-conselho-de-estado> Acesso em: 30 de junho de 2024.

BORGES, Thais. Baianinha gigante: conheça a menina de 10 anos que enfrentou as tropas portuguesas com as palavras. **Jornal Correio**. Salvador, 11 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/baianinha-gigante-conheca-a-historia-da-menina-de-10-anos-que-enfrentou-as-tropas-portuguesas-com-as-palavras-0723> Acesso em: 29 de junho de 2024.

BRANDÃO, José Carlos. O cárcere de Barbara Alencar. **Poesia & Crônica**. 01 de maio de 2009. Disponível em: <https://poesiacronica.blogspot.com/2009/05/o-carcere-de-barbara-de-alencar-eu-vi-o.html> Acesso em: 30 de junho de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> Acesso em: 30 de junho de 2024.

CÂMARA dos Deputados. **Decreto de 13 de agosto de 1822**. Determina que, na ausência do Príncipe Regente, presida a Princesa Real ao despacho do expediente e às sessões do Conselho de Estado. Acesso em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret\\_sn/antioresa1824/decreto-38972-13-agosto-1822-568340-publicacaooriginal-91701-pe.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/antioresa1824/decreto-38972-13-agosto-1822-568340-publicacaooriginal-91701-pe.html) Acesso em: 30 de junho de 2024.

CÂMARA Legislativa. **Projeto de Lei nº 2285/2023-A, de 2023** (Do Sr. Jonas Donizette). Inscreve o nome de Hipólita Jacinta Teixeira de Melo no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria; tendo parecer da Comissão de Cultura pela aprovação

(relatora Deputada Lídice da Mata). Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2331914](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2331914) Acesso em: 30 de junho de 2024.

CHAVES, Carolina. A independência do Brasil vista sob nova perspectiva de gênero. **Colab**. Belo Horizonte, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/a-independencia-do-brasil-vista-sob-nova-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

GRINBERG, Keila. As sete mulheres – Livro combate o silenciamento histórico de figuras femininas que tiveram protagonismo na luta pela Independência. **Quatro cinco um: a revista dos livros**, n. 61, 2022. Disponível em: <https://quatrocinco.com.br/resenhas/historia/as-sete-mulheres/> . Acesso em: 20 jun. 2024.

IMPERATRIZ Leopoldina, Carta a Dom Pedro I (1822). **Instituto Monte Castelo**. Disponível em: <https://montecastelo.org/identidade-brasileira-2/identidade-brasileira/imperatriz-leopoldina-carta-a-dom-pedro-i-1822/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

MARIA Quitéria. Heroína Feirense. Heroína do Brasil. Símbolo da Liberdade. **Feira Hoje**. Feira de Santana (BA), 23 de setembro de 2015. Disponível em: <https://feirahoje.com.br/maria-quiteria/> Acesso em: 30 de junho de 2024.

MARIA Quitéria recebe a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. **Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites\\_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quiteria-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/maria-quiteria-recebe-a-insignia-de-cavaleiro-da-ordem-imperial-do-cruzeiro) Acesso em: 30 de junho de 2024.

MOURA, Ernande Bezerra. Poesia de Ana Maria José Lins (Ana Lins). **Poesias de Poetas Miguelenses**. 10 de outubro de 2022. Disponível em: <https://cultura.saomigueldoscamos.al.gov.br/novidades/poesias-de-miguelenses/poesia-de-ana-maria-jose-lins-ana-lins> Acesso em: 30 de junho de 2024.

NUNES, Dimalice. Conheça Bárbara Pereira de Alencar, a primeira revolucionária do Brasil. **Aventuras da História**. 04 de abril de 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/barbara-pereira-de-alencar-primeira-revolucionaria-do-brasil.phtml> Acesso em: 30 de junho de 2024.

PIMENTA, João Paulo. **Independência do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2022.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho**. Porto Alegre: SEE, 2018. Disponível em: <https://h-curriculo.educacao.rs.gov.br/Sobre/Index> Acesso em: 30 de junho de 2024.

SANTANA, Fernanda. A história de como Maria Felipa ganhou um rosto. **Jornal Correio**. Salvador, 01 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/a-historia-de-como-maria-felipa-ganhou-um-rosto-0723> Acesso em: 30 de junho de 2024.

SILVA, Lívia Prata da. **Maria Felipa - uma heroína baiana**: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Visual Design, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2018. p.33-34. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11057> Acesso em: 30 de junho de 2024.

STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia (org.). **Independência do Brasil**: as mulheres que estavam lá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

VALIM, Patricia. Lamentos e lutas de Urânia Vanério na independência do Brasil. In: STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia. **Independência do Brasil**: as mulheres que estavam lá, 2022, p. 85-102.